Jovens que fazem bem a novena da Natividade de Maria (1868)

O sonho de Dom Bosco de 2 de setembro de 1868

Dom Bosco falou assim à noite, depois das orações:

Parece impossível! Quando começamos alguma novena, sempre há jovens que querem sair de casa, ou então querem ser liberados. Havia um, o mais culpado por certas desordens, que por vários motivos não se queria mandar embora; contudo, como se fosse impelido por misteriosa força, foi embora.

Passemos a outro assunto. Suponhamos que Dom Bosco entre em casa pela portaria, e que siga em frente até aqui debaixo dos pórticos e enxergue uma grande senhora, que, sem que Dom Bosco lhe fale, tenha um caderno na mão. Ela o entrega a mim, dizendo:

– Pegue e leia!

– Peguei-o e li na capa: *Novena da Natividade de Maria*. Abro na primeira página e leio os nomes em caracteres dourados de um pequeníssimo número de jovens. Viro a página e vejo escrito em tinta ordinária uma quantidade um pouco maior. Viro outra página e vejo que todo o caderno está em branco até o fim. Agora pergunto a qualquer um de vocês o que significa isso.

E pediu a explicação a um jovem, ajudando-o a responder, dizendo:

– Nesse livro estão escritos os nomes dos jovens que fazem a novena. Os pouquíssimos cujos nomes estão em ouro são os que a fazem bem e com fervor. A outra parcela são aqueles que a fazem, porém com menos fervor. E todos os demais, por que não estão escritos? Quem sabe de onde vem isso? Penso que foram os longos passeios que distraíram muito os jovens, de tal modo que agora não são mais capazes de se concentrar. Se estivessem aqui Domingos Sávio, ou Besucco, ou Magone, ou Saccardi, o que eles diriam? Exclamariam: Oh, como

o Oratório mudou!

Então, para deixar Nossa Senhora contente, façamos tudo o que pudermos frequentando os Santos Sacramentos e colocando em prática os propósitos que eu ou o P. Francesia apresentarmos. Para amanhã, seja este o propósito: *Fazer tudo com diligência.*

(MBp IX, 375-376)

0 sonho do elefante (1863)

Dom Bosco, não tendo dado a estreia aos seus alunos, no último dia do ano, retornando de Borgo Cornalense, no dia 4, domingo, tinha prometida dar a estreia na noite da festa da Epifania. Era o dia 6 de janeiro de 1863, e todos os jovens, aprendizes e estudantes, reunidos no mesmo parlatório, esperavam ansiosos a estreia.

Rezadas as orações, o bom pai subiu no estrado e começou a dizer:

Eis que chegamos na noite da estreia. Todo ano, desde as festas natalinas, eu costumo elevar a Deus orações, para que me inspire uma estreia que vos possa ajudar. Mas, neste ano, dobrei minhas orações devido ao aumento do número dos jovens. Passou, porém, o último dia do ano, veio a quinta-feira, a sexta-feira e nada de novo. Na noite de sexta vou dormir, cansado das fadigas do dia, nem consegui pegar no sono a noite toda, de maneira que levantei de manhã mais cansado ainda, quase semimorto. Não me perturbei por causa disso; aliás, fiquei contente, porque sabia que geralmente quando o Senhor está para me manifestar algo, passo muito mal a noite anterior. Continuei minhas costumeiras ocupações no povoado de Borgo Cornalense e na noite de sábado cheguei entre vocês. Depois de ter confessado, fui deitar e, pelo cansaço devido à

pregação e pelas confissões em Borgo, e pelo pouco descanso da noite anterior, facilmente peguei no sono. Eis, aqui começa o sonho do qual vocês receberão a estreia.

Queridos jovens, sonhei que era dia de festa, depois do almoço, nas horas de recreio, e vocês estavam todos se divertindo de mil maneiras. Pareceu-me estar em meu escritório com o Cav. Vallauri, professor de Belas Letras. Tínhamos conversado de várias coisas literárias e de outras a respeito da religião, quando, de repente, ouço alguém bater na porta.

Vou ver. Era minha mãe, falecida há seis anos, que, aflita, estava me chamando:

– Vem ver, vem ver!

– O que é? – respondi.

– Vem, vem! – Replicou.

Por causa da insistência, fui até a varanda e eis que vejo no pátio, no meio dos jovens um elefante de grandeza desmedida.

– Mas como? – Exclamei! – Vamos correndo lá embaixo. – E, amedrontado, olhava o Cav. Vallauri, e ele olhava para mim, como a nos perguntar um ao outro de que maneira tivesse entrado aquela fera monstruosa. Descemos logo correndo no pórtico com o professor.

Muitos de vocês naturalmente correram para ver aquele animal. Aquele elefante parecia manso e dócil: divertia-se junto com os jovens; acariciava-os com a tromba; era tão inteligente que obedecia às ordens, como se tivesse sido amansado e criado aqui no Oratório desde a primeira idade, de maneira que era sempre acompanhado e acariciado por um grande número de jovens. Mas nem todos vocês estavam ao seu redor. Eu vi que a maior parte de vocês, apavorados, fugiam para cá e para lá, procurando um lugar para se abrigar e, por fim, acabaram se abrigando na igreja. Eu também tentei entrar pela porta que dá no pátio; mas passando perto da imagem da Virgem Maria, posicionada perto do bebedouro, tendo eu tocado a extremidade do seu manto, como em sinal de pedir o seu patrocínio, ela levantou o braço direito. Vallauri quis

repetir o meu gesto do outro lado, e a Virgem moveu o braço esquerdo. Eu fiquei surpreso, não sabendo como explicar um fato tão extraordinário.

Chegou então a hora das sagradas funções, e vocês, meus jovens, foram todos para a igreja. Eu também entrei e vi o elefante, em pé no fundo perto da porta. Foram rezadas as Vésperas, e, depois da pregação, fui para o altar acompanhado pelo P. Alasonatti e pelo P. Sávio para dar a bênção com o Santíssimo Sacramento. Mas no momento solene em que todos estavam profundamente recolhidos em adoração do Santo dos Santos, vi, sempre no fundo da igreja, no meio entre os bancos, o elefante ajoelhado e fazendo reverência em sentido contrário, isto é, com a cara e as horríveis patas viradas para a porta principal.

Terminadas as funções eu queria logo sair no pátio para observar o que aconteceria, mas puxado por alguém na sacristia que queria me dar alguns avisos, tive que aguardar.

Saio depois de pouco tempo embaixo dos pórticos, e vocês no pátio para reiniciar as diversões como antes. O elefante, saindo da igreja, foi até o segundo pátio ao redor do qual estão sendo construídos edifícios. Notem bem esta circunstância, pois naquele pátio aconteceu a cena horrível que agora vou descrever.

Naquele momento lá no fundo, apareceu um estandarte, em que estava escrito em caracteres cubitais: *Sancta Maria succurre miseris* (Santa Maria, socorra os míseros – Da antífona das Primeiras Vésperas no Comum das Festas da Bem-aventurada Virgem Maria), e o seguiam jovens em procissão. Quando, de repente, sem ninguém esperar, vi aquele animal horroroso, que antes parecia tão gentil, lançar-se com furioso bramido no meio dos alunos ao redor e, pegando os mais próximos pela tromba, lançá-los para cima, esmagá-los, jogando-os no chão, e pisoteá-los com as patas. Todavia, os que eram assim maltratados não morriam, mas ficavam em condições de poder sarar, embora as feridas fossem horrendas. Era um corre-corre geral; quem gritava, quem chorava, e quem ferido pedia ajuda dos colegas: enquanto, coisa horrível,

alguns jovens, poupados pelo elefante, em lugar de ajudar a socorrer os feridos, fizeram aliança com o monstro para lhe oferecer outras vítimas.

Enquanto aconteciam essas coisas (e eu estava no segundo arco do pórtico perto do bebedouro), aquela estatueta que vocês veem lá (*indicava a estátua da Virgem Santíssima*) se animou e engrandeceu, tornou-se pessoa de alta estatura, levantou os braços e estendeu o manto, no qual estavam escritas com arte maravilhosa muitas inscrições. O manto abriu-se desmesuradamente, tanto que cobriu todos os que se abrigavam nele: aí eles estavam seguros. Primeiramente um número escolhido dos melhores correu para aquele abrigo. Mas, vendo Maria Santíssima que muitos não se apressavam para ir sob o seu manto, gritava em voz alta: *Venite ad me omnes* (“Vinde a mim todos” – Mt 11,28), e eis que aumentava o número dos meninos debaixo do manto que continuava a se alargar. Alguns, porém, em vez de se abrigar debaixo do manto, corriam para cá e para lá e eram feridos antes de se abrigar em lugar seguro. A Virgem Santíssima, angustiada, vermelha no rosto, continuava a gritar, mas eram poucos os que corriam para Ela. O elefante continuava o massacre e vários jovens, quem manejando uma espada, quem duas, espalhados aqui e acolá, impediam os companheiros, que ainda estavam no pátio, com ameaças e ferindo-os, de chegar até Maria. A estes o elefante não fazia nada.

Alguns dos jovens abrigados perto de Maria e por Ela encorajados, faziam rápidas corridas. Tiravam do elefante algum colega e o levavam sob o manto da estátua misteriosa, e este logo ficava curados. E logo saíam para novas conquistas. Vários meninos armados de bastão afastavam o elefante de suas vítimas e se opunham aos seus cúmplices. E não pararam de trabalhar, colocando em risco a própria vida, até levarem todos a lugar protegido.

O pátio já estava deserto. Alguns estavam esticados no chão quase mortos. De um lado, perto dos pórticos, uma multidão de meninos embaixo do manto da Virgem. Do outro lado, afastados, o elefante e uns dez ou doze jovens

que ficaram com ele, e que o haviam ajudado a fazer tanto mal e insolentemente impertérritos empunhavam as espadas.

De repente, o elefante, levantando-se sobre as pernas posteriores, transforma-se num fantasma horrível com longos chifres e, tomando um pano preto ou rede, envolve aqueles pobres meninos que haviam trabalhado para ele e lança um rugido. Então uma densa fumaça envolveu a todos, e afundaram desaparecendo, junto com o monstro, num abismo que se abriu improvisamente sob os seus pés.

Terminada essa horrenda cena, olhei ao redor para expor qualquer minha reflexão à minha mãe e ao Cav. Vallauri, mas já não estavam mais.

Dirigi-me a Maria, desejoso de ler as inscrições que apareciam impressas em seu manto, e vi que algumas eram tiradas literalmente da Sagrada Escritura e outras também, mas um pouco modificadas. Li algumas delas: *Qui elucidant me vitam aeternam habebunt* (“Os que me tornam conhecida terão a vida eterna” – Eclo 24,31); *qui me invenerit inveniet vitam* (“Quem me encontrar encontrará a vida – Pr 8,35); *si quis est parvulus veniat ad me* (“Se há um inexperiente, venha a mim” – Pr 9,4); *refugium peccatorum* (Refúgio dos pecadores – Ladainhas lauretanas). *Salus credentium* (Salvação dos crentes – do sonho de Dom Bosco das duas colunas, maio de 1862); *plena omnis pietatis, mansuetudinis et misericordiae* (Cheia de toda piedade, mansidão e misericórdia). *Beati qui custodiunt vias meas* (“Felizes os que guardam meus caminhos” – Pr 8,32)!

Depois do desaparecimento do elefante, tudo ficou tranquilo. A Virgem parecia cansada pelo tanto gritar. Depois de breve silêncio, dirigi aos jovens belas palavras de conforto, de esperança; e, repetindo aquelas palavras que vocês podem ver embaixo do nicho, que mandei escrever: *Qui elucidant me, vitam aeternam habebunt* (“Os que me tornam conhecida, terão a vida eterna” – Eclo 24,31), disse – Vocês que ouviram a minha voz e escaparam do massacre do demônio, puderam ver e puderam observar os seus colegas massacrados. Querem saber a causa de sua perdição? *Sunt colloquia prava*: são as más conversas contra a pureza, aquelas obras desonestas

que seguiram imediatamente as más conversas. Vocês viram também aqueles seus colegas armados de espada: são aqueles que procuram a vossa perdição, afastando-vos de mim, e que causaram a perdição de tantos colegas seus. Mas *quos diutius expectat durius damnat*: aqueles aos quais Deus aguarda por mais tempo, mais severamente Ele vai punir (São Gregório Magno); e aquele demônio infernal, envolvendo-os a todos, os levou consigo à eterna perdição. Agora vocês podem ir tranquilos, mas lembrem-se de minhas palavras: Fugam daqueles companheiros amigos de Satanás, fugam das más conversas, especialmente contra a pureza, tenham em mim uma ilimitada confiança, e o meu manto será sempre um refúgio seguro.

Ditas estas e outras semelhantes palavras, tudo sumiu e nada mais ficou no seu lugar, a não ser a nossa querida estatueta. Então reapareceu a minha finada mãe, novamente foi levantado o estandarte com a escrita: *Sancta Maria succurre miseris* (“Santa Maria, socorre a nós míseros” – Da antífona das Primeiras Vésperas, comum das Festas da B. V. M.); todos os jovens organizaram-se atrás dele e entoaram o canto: *Lodate Maria, o lingue fedeli* (“Louvai Maria, ó línguas fiéis”).

Mas não durou muito para o canto ir se apagando, depois esvaiu-se todo aquele espetáculo, e eu acordei todo molhado de suor. Pronto! Esse foi o meu sonho. Meus filhos, tirem vocês mesmos a estreia: quem estava debaixo do manto, quem estava sendo jogado para o alto pelo elefante, e quem tinha a espada, perceberá ao examinar a própria consciência. Eu só lhes repito as palavras da Virgem Santíssima: *Venite ad me omnes* (“Vinde a mim todos” – Mt 11,28); recorram todos a Ela, em cada perigo invoquem Maria e asseguro-lhes que serão atendidos. De resto, pensem os que foram maltratados pelo monstro a fugir das más conversas, dos maus colegas; e os que procuravam afastar os outros de Maria, ou mudem de vida ou saiam logo desta Casa. Quem quiser saber onde ele estava no sonho pode vir comigo também em meu escritório, e eu lhe revelarei. Mas, repito, os ministros de Satanás, ou mudar ou partir. Boa noite!

Essas palavras foram pronunciadas com tanta unção e comoção que os jovens, meditando aquele sonho por mais de uma semana, não deixaram Dom Bosco em paz. De manhã muitas confissões, depois do almoço quase todos com ele para saber onde estavam naquele sonho misterioso.

E que não era um sonho, mas uma visão, também Dom Bosco o havia afirmado dizendo: – *Quando o Senhor quer me manifestar algo, passo etc...; Costumo rezar muito para que se digne inspirar-me...* e depois com o proibir de brincar sobre essa narração.

E tem mais.

Desta vez ele mesmo escrevia numa folha o nome dos alunos que no sonho havia visto feridos, dos que manejavam a espada, e dos outros que manejavam duas espadas; e o entregou ao P. Celestino Durando, encarregando-o de cuidar deles. O P. Durando transmitiu-nos essa lista e a temos sob nossos olhos. Os feridos são 13, aqueles que provavelmente não foram se refugiar debaixo do manto de Nossa Senhora. Os que tinham uma espada eram 17; os que tinham duas espadas eram só três. Alguma nota ao lado de um nome indica mudança de conduta. Observe-se que o sonho, como haveremos de ver, não representava somente o tempo presente, mas dizia respeito também ao futuro.

Mas, de modo especial, que esse sonho tenha acertado o alvo, o comprovam os mesmos jovens. “Não acreditava que Dom Bosco me conhecesse assim; manifestou-me o estado de minha alma; as tentações que eu tenho com tal precisão, que nada poderia acrescentar”. Outros dois jovens aos quais Dom Bosco tinha dito que manejavam a espada – Ah! Sim, é verdade – diziam –, faz muito tempo que percebi; eu sabia disso. E mudaram de conduta.

“Um dia, depois do almoço, Dom Bosco falava de seu sonho, e depois de ter referenciado como alguns já tivessem saído e outros tinham que sair para afastar sua espada da casa, veio a discorrer de sua astúcia, como ele dizia, e para demonstrar isso contou este fato. – Um jovem escrevia uma carta, há pouco tempo atrás, para sua casa, atribuindo às

pessoas do Oratório mais dignas de estima, como seja a superiores e aos padres, sérias calúnias e insultos. Temendo que Dom Bosco pudesse ver aquela folha, procurou, tentando de todos os modos, levar ao correio sem que ninguém soubesse. A carta foi. Depois do almoço mandei chamá-lo: ele se apresenta em meu escritório e eu, depois de ter-lhe mostrado o seu erro, interroguei-o para saber o que o teria induzido a escrever tantas mentiras. Ele negou descaradamente o fato; eu deixei-o falar, e depois, iniciando pela primeira palavra, recitei-lhe toda a sua carta. Então, confuso, apavorado, chorando se jogou aos meus pés dizendo: 'A minha carta, então, não foi despachada?' Sim, respondi, já deve ter chegado à sua casa, mas você procure reparar o seu erro. – Os alunos o interrogaram como foi que ele sabia. – Oh! Minha astúcia! – respondeu sorrindo”.

Essa astúcia devia ser a mesma do sonho, que dizia respeito não só para o estado presente, mas a vida futura de cada jovem, um dos quais, em estreita relação com o P. Rua, assim escrevia muitos anos mais tarde. Note-se que a folha traz nome e sobrenome do escrevente, com o nome da rua e o número de sua casa em Turim.

Caríssimo P. Rua,

... Entre outras coisas lembro de uma visão, que Dom Bosco teve em 1863, enquanto eu estava morando em sua casa; na qual viu a vida futura de todos os seus, e contada por ele mesmo depois das orações da noite. Foi o sonho do elefante. (*Aqui, tendo descrito o que acima relatamos, continua*): Dom Bosco, terminada sua narração, nos disse: – Se vocês querem saber onde estavam no sonho, venham comigo em meu escritório, e eu lhes direi.

Então eu também fui. – Você – ele me disse – era um daqueles que corriam atrás do elefante antes e depois das funções na igreja, portanto, naturalmente foi sua presa; você foi lançado ao alto pela tromba e, caindo, ficou machucado, de modo que não podia mais fugir, embora fazendo todos os

esforços. Quando um seu companheiro sacerdote, que você não conhecia, chega, toma-o pelo braço e o leva sob o manto de Nossa Senhora. Você foi salvo.

Esse não-sonho, como dizia Dom Bosco, mas verdadeira revelação do futuro que o Senhor fazia ao seu servo, aconteceu no segundo ano em que estava no Oratório, em um tempo em que eu era exemplo aos meus colegas tanto no estudo, quanto na piedade; assim mesmo, Dom Bosco me viu naquele estado. Vieram as férias escolares de 1863. Fui para as férias por motivos de saúde e não voltei mais para o Oratório. Eu tinha 13 anos completos. No ano seguinte meu pai colocou-me para aprender a profissão de sapateiro. Dois anos depois (1866), fui à França para me aperfeiçoar na minha profissão. Aqui me encontrei com gente das seitas e aos poucos deixei a igreja e as práticas religiosas, comecei a ler livros heréticos e cheguei ao ponto de aborrecer a Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, como a mais pestífera das religiões.

Dois anos depois voltei à pátria e, também aqui, continuei sempre a ler livros ímpios e cada vez mais me afastava da verdadeira Igreja.

Em todo esse tempo, porém, nunca deixei de rezar a Deus nosso Pai em nome de Jesus Cristo, a fim de que me iluminasse e me fizesse conhecer a verdadeira religião.

Todo este tempo durou 13 anos, durante os quais eu fazia todo o esforço para me levantar, mas estava ferido, era vítima do elefante, não podia me mexer. No final de 1878, aconteceu uma missão espiritual numa Paróquia. Muita gente participava dessas instruções, e eu também comecei a frequentar, só mesmo para ouvir aqueles **famosos oradores**. Achei tudo tão bonito, verdades incontestáveis e, finalmente, o último sermão, que tratava justamente do Santíssimo Sacramento, último ponto e principal que me deixava na dúvida (pois não acreditava mais na presença de Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento, nem real, nem espiritual), o orador soube explicar tão bem a verdade, confutar os erros e convencer-me, que eu, tocado pela graça do Senhor, decidi-me a

fazer a confissão e voltar sob o manto da Bem-aventurada Virgem. Desde então não paro mais de agradecer a Deus e a Bem-aventurada Virgem da graça recebida. Veja bem que, em cumprimento da visão, soube depois que aquele orador missionário era meu colega no Oratório de Dom Bosco.
Turim, 25 de fevereiro de 1891.

DOMINGOS N.

P. S. – Se a Senhora Vossa Reverendíssima achar bom publicar esta minha carta, dou-lhe ampla faculdade também de corrigir, embora sem mudar o sentido, sendo esta a pura verdade. Respeitosamente beijo sua mão, caro P. Rua, entendendo com este beijo beijar a mão do nosso amado Dom Bosco.

Mas desse sonho Dom Bosco havia recebido também luzes para poder julgar as vocações ao estado religioso ou eclesiástico, as disposições de uns e outros em fazer o bem. Ele tinha visto aqueles corajosos que enfrentavam o elefante e os seus colaboradores para salvar os colegas e arrancar deles as feridas para levá-los sob o manto de Nossa Senhora. Por isso ele continuava a acolher os pedidos daqueles que desejavam fazer parte da Pia Sociedade, ou admiti-los, sendo já inscritos, a fazer os votos trienais. E para eles será, para sempre, título de muita honra a escolha feita por Dom Bosco. Uma parte destes não emitiu os votos, ou terminada a promessa trienal, saiu do Oratório; mas o fato está que estes perseveraram quase todos em sua missão de salvar e instruir a juventude ou como padres na Diocese, ou como professores seculares nas escolas reais. Seus nomes estão em três atas do Capítulo Salesiano.

(MB IT VII, 356-363 / MBp VII, 366-376)

Um caramanchão de rosas (1847)

Os sonhos de Dom Bosco são presentes do alto para guiar, advertir, corrigir, encorajar. Alguns deles foram registrados por escrito e foram preservados. Um deles – ocorrido no início da missão do santo dos jovens – é o do caramanchão de rosas, feito em 1847. Nós o apresentamos na íntegra.

Em 1864, uma noite, depois das orações, reuniu em sua antecâmara, como costumava fazer de quando em quando, os que já pertenciam à sua Congregação, entre eles, os Padres Vitório Alasonatti, Miguel Rua, João Cagliero, Celestino Durando, José Lazzero e Júlio Barberis. Depois de lhes falar do desapego do mundo e das próprias famílias para seguir o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, continuou com estes termos:

Contei-lhes diversas coisas em forma de sonhos pelas quais podemos conhecer como Nossa Senhora nos ama e nos ajuda. Como estamos aqui somente nós, a fim de que cada um de vocês tenha a certeza de que a Virgem Maria quer a nossa Congregação e para que nos animemos sempre mais a trabalhar para a maior glória de Deus, conto-lhes, não a descrição de um sonho, mas o que a Bem-aventurada Mãe de Deus, em pessoa, teve a bondade de me mostrar. Ela quer que ponhamos nela toda a nossa confiança. Eu lhes falo com toda a sinceridade, mas desejo que o que estou para contar não seja referido aos outros da casa ou de fora do Oratório, para que não se dê oportunidade a críticas dos mal-intencionados.

Certo dia, em 1847, após muito meditar sobre o modo de fazer o bem, particularmente em favor da juventude, apareceu-me a Rainha do Céu e me levou a um jardim encantador. Nele havia um longo pórtico, rústico, porém belíssimo, em forma de vestíbulo. Trepadeiras ornavam e envolviam os pilares. Seus ramos carregados de folhas e de flores se

estendiam para o alto; voltados uns para os outros, entrelaçados, formavam um gracioso caramanchão. Esse pórtico dava para uma estrada muito bonita, coberta a perder de vista por um caramanchão encantador, ladeado e coberto de maravilhosas roseiras em plena florescência. Também o chão estava todo atapetado de rosas. Nossa Senhora me disse:

– Tire os sapatos! – Apenas tirei, ela acrescentou:

– Vá para a frente por esse caramanchão: esta é a estrada que você deve percorrer. – Gostei de tirar os sapatos porque tinha pena de pisar em rosas tão belas. E comecei a andar. Logo, porém, percebi que as rosas escondiam espinhos muito agudos, e meus pés começaram a sangrar. Dados apenas alguns passos, fui obrigado a parar e voltar.

– Aqui é preciso usar sapatos – eu disse à minha guia.

– Sem dúvida – respondeu. – São necessários sapatos, e dos bons.

Calcei os sapatos e retomei o caminho junto com certo número de companheiros que haviam aparecido naquele momento e me pediam para ficar comigo. Eles vieram atrás de mim sob o caramanchão, que era de uma beleza incrível, mas que, ao avançar por ele, se tornava mais estreito e baixo. Do alto pendiam muitos ramos e para lá voltavam em forma de festões. Outros pendiam perpendicularmente sobre o caminho. Outros ainda, a partir dos caules das roseiras, espalhavam-se de cá e de lá a intervalos, horizontalmente. Havia também os que, formando uma sebe mais densa, invadiam uma parte do caminho. Finalmente, alguns serpeavam a pouca altura do chão. Todos eram revestidos de rosas, e eu só via rosas por todos os lados, acima de mim, diante de mim.

Enquanto eu ainda sentia fortes dores nos pés e me contorcia um pouco, tocava as rosas aqui e ali; no entanto, punham-me espinhos ainda mais agudos escondidos sob as rosas. Todavia, continuei a caminhar. Minhas pernas se enroscavam nos ramos estendidos pelo chão e se machucavam. Eu afastava um ramo transversal que me impedia de caminhar, ou então para

esquivar-me dele, passava perto do muro, mas acabava sempre me ferindo, de modo que me sangravam não só as mãos, como também o corpo inteiro. Na parte superior, as rosas que pendiam do alto escondiam grande quantidade de espinhos que também me espetavam a cabeça. Apesar disso, encorajado pela Bem-aventurada Virgem, continuei meu caminho. De quando em quando, porém, eu recebia picadas mais agudas e penetrantes, que me causavam espasmos muito doloridos.

Todos os que me observavam, e eram muitíssimos, a percorrer aquele caramanchão, diziam: – Oh! Como Dom Bosco caminha sempre sobre rosas. Ele vai para a frente tranquilíssimo. Tudo lhe corre bem. – Não viam, porém, que os espinhos rasgavam meus pobres membros.

Muitos Clérigos, Padres e leigos por mim convidados haviam-se posto a me seguir, alegres, atraídos pela beleza das flores. Ao perceberem, no entanto, que deviam caminhar sobre espinhos que despontavam de todos os lados, começaram a gritar: – Fomos enganados!

Eu respondi: – Quem quiser caminhar prazerosamente sobre rosas volte para trás; os outros que me sigam.

Não poucos deram para trás. Percorrida boa parte do caminho, voltei-me para dar uma olhada em meus companheiros. Qual não foi a minha dor quando vi que uma parte deles desaparecera; outra parte já me havia voltado as costas e se afastava. Eu também voltei para trás a fim de chamá-los, mas tudo foi inútil, pois sequer me davam ouvidos. Então comecei a chorar copiosamente e a me queixar: – Será possível que deverei percorrer sozinho esta estrada tão cansativa?

Contudo, fui logo consolado. Vi avançar para mim um grupo de Padres, Clérigos, leigos, que me disseram: – Aqui estamos. Somos todos seus e estamos prontos para segui-lo. – Precedendo-os, reiniciei o caminho. Só alguns desanimaram e pararam. Grande parte deles chegou comigo até a meta.

Percorrido todo o caramanchão, encontrei-me em um belíssimo jardim, onde me rodearam os meus poucos seguidores, todos macilentos, desgrehados, ensanguentados. Levantou-se, então, uma brisa suave; a seu sopro, todos ficaram curados.

Soprou outra brisa e, como por encanto, eu me vi circundado de um número imenso de jovens e Clérigos, de ajudantes leigos e também de Padres, que se puseram a trabalhar comigo, guiando aquela juventude. Reconheci alguns, mas muitos outros eu não conhecia.

Nesse ínterim, tendo chegado a um lugar mais elevado do jardim, vi diante de mim um edifício monumental, surpreendente pela sua magnificência artística. Passado o limiar do edifício, entrei em uma sala imensa, tão rica que nenhum Palácio real no mundo poderia orgulhar-se de algo igual. Era toda coberta e adornada de rosas fresquíssimas e sem espinhos, das quais emanava uma suavíssima fragrância. Então, a Santa Virgem, que fora a minha guia, perguntou-me: – Sabe o que significa o que você está vendo e viu antes?

– Não – eu respondi. – Peço que me explique.

Então ela me disse: – Saiba que o caminho que você percorreu por entre rosas e espinhos significa o cuidado que deverá ter com a juventude. Você vê que deverá andar com o calçado da mortificação. Os espinhos no chão significam as afeições sensíveis, as simpatias ou antipatias humanas que desviam o educador do seu verdadeiro objetivo, ferem-no, imobilizam-no em sua missão e o impedem de continuar a recolher coroas para a vida eterna. As rosas são o símbolo da caridade ardente que deve distinguir você e todos os seus ajudantes. Os outros espinhos significam os obstáculos, os padecimentos, os desgostos que lhes caberão. Todavia, não desanimem. Com a caridade e com a mortificação, superarão tudo e chegarão às rosas sem espinhos.

Logo que a Mãe de Deus acabou de falar, acordei e me encontrei no meu quarto.

Dom Bosco, que tinha compreendido o sentido do sonho, concluiu afirmando que, depois daquela data, via muito bem o caminho a percorrer. Que já identificava melhor as oposições e os artifícios com que tentavam pará-lo e que, embora muitas vezes devessem ser os espinhos entre os quais teria de caminhar, estava certo e seguro da vontade de Deus e do bom êxito do seu grande empreendimento.

Mediante esse sonho, Dom Bosco era alertado também para que não desanimasse pelas defecções que aconteceriam entre os que pareciam destinados a ajudá-lo na sua missão. Os primeiros a se afastarem do caramanchão são os Padres Diocesanos e os leigos que, no princípio, tinham se dedicado ao Oratório festivo. Os outros que chegaram depois representam os Salesianos, aos quais é prometida a ajuda e o conforto divino, significado pelo sopro da brisa suave.

Mais tarde, Dom Bosco confessou que esse sonho ou visão se repetiu em diversas ocasiões, isto é, em 1848 e em 1856, e que cada vez ocorria com a variação de algumas circunstâncias. Nós o apresentamos aqui fundido em uma única narração, para evitar repetições supérfluas.

(MBp III, 38-42)

A enchente e a barcaça salvadora (1886)

Ninguém pode se salvar da fúria das águas em grandes enchentes. Todos precisam de um salvador para levá-los em seu barco. Aqueles que não entram no barco correm o risco de serem arrastados pelas águas furiosas. Dom Bosco compreendeu um significado mais profundo em seu sonho, o da barcaça salvadora, e o transmitiu a seus jovens.

Dom Bosco então, diante da multidão de seus jovens, segunda-feira à noite, primeiro dia do ano, falou:

Parecia-me estar pouco diante de um lugar que, pelo aspecto, se parecia com Castelnuovo d'Asti, mas não era. Todos os jovens do Oratório se recreavam numa imensa pradaria. Eis senão quando, de repente, águas são vistas surgir nos limites daquela planície, e nos vimos circundados de todos os

lados por uma inundação, que aumentava à medida que vinha em nossa direção. O rio Pó tinha saído de seu leito, enormes e apavorantes torrentes transbordavam de suas margens.

Nós, tomados pelo terror, saímos correndo em direção de um grande moinho isolado, longe de outras habitações, com grossas paredes, semelhantes às de uma fortaleza. Parei no pátio no meio de meus caros jovens consternados. Mas as águas começaram a invadir também aquela área; fomos obrigados a nos retirar todos em casa e, depois, subir aos quartos de cima. Das janelas se enxergava a extensão do desastre. Das colinas de Superga aos Alpes, em lugar de prados, campos cultivados, hortas, bosques, fazendas, vilarejos, cidades, não se via nada mais do que a superfície de um imenso lago. À medida que a água crescia, subíamos de um andar a outro. Tendo perdido toda esperança humana de nos salvar, comecei a encorajar os meus caros, dizendo que se colocassem todos com confiança nas mãos de Deus e nos braços de nossa querida mãe Maria.

A água já estava quase no nível do segundo andar. Aí o susto foi total, e não havia outra forma de fugir a não ser com uma grande barcaça em forma de navio, que apareceu naquele momento, navegando perto de nós. Todos, com respiração ofegante, queriam ser os primeiros a se refugiar, mas não conseguiam, porque a barcaça não podia se aproximar da casa por causa de um muro, que emergia um pouco acima das águas. Só havia um único meio para passar; era um tronco fino e comprido de árvore. A passagem era dificílima, pois o tronco acompanhava o balanceio da barca agitada pelas águas.

Tomei coragem e passei por primeiro, e para facilitar aos jovens o transbordo e tranquilizá-los, distribuí clérigos e padres que, do moinho seguravam um pouco quem saía e na barcaça davam a mão a quem chegava. Mas, caso singular! Depois de um pouco desse trabalho, os clérigos e os padres estavam tão cansados que, ora aqui, ora ali, caíam de exaustão, e os que os substituíam tinham o mesmo destino. Maravilhado, também eu quis experimentar, e me senti tão exausto que não podia mais ficar de pé.

Entrementes, muitos jovens, impacientes, seja por medo da morte seja para mostrar coragem, tendo encontrado um pedaço de tábua bastante comprido e um pouco mais largo do que o tronco de árvore, fizeram uma segunda ponte e, sem esperar a ajuda dos clérigos e dos padres, estavam por se jogar precipitadamente, sem dar ouvidos a meus gritos. Eu gritava:

– Parem, parem, caso contrário cairão!

Aconteceu que muitos, ou machucados, ou perdendo equilíbrio, antes de chegar até a barca, caíram e, tragados por aquelas águas sujas e escuras, não foram mais vistos. A frágil ponte também afundou com todos os que estavam nela. Tão grande foi o número dos infelizes, que um quarto dos nossos jovens foi vítima de seu capricho.

Eu, que até então tinha segurado firmemente a extremidade do tronco de árvore enquanto os jovens subiam, percebendo que a inundação ultrapassara o nível do obstáculo provocado pelo muro, achei uma maneira de puxar a barcaça para o lado do moinho. Aqui estava o P. Cagliero que, com um pé no parapeito da janela e outro na beirada da barca, dando-lhes a mão e colocando-os a salvo na barca, fez pular os jovens que haviam ficado nos quartos.

Nem todos os jovens estavam salvos ainda. Uns quantos tinham subido ao sótão e daí para o telhado. Ali estavam agrupados no cume apertando-se uns aos outros, enquanto a inundação crescia sem parar um instante, cobrindo já as extremidades e uma parte das beiradas do telhado. Com a água, também a barca subira e eu, vendo aqueles pobrezinhos em tão horrível dificuldade, gritei-lhes que rezassem de coração, que permanecessem quietos, que descessem unidos, segurando-se uns aos outros pelos braços para não escorregar. Obedeceram. Com o lado da nave encostada na beirada do telhado, eles também, ajudados pelos companheiros, vieram a bordo. Aqui havia grande quantidade de pães guardados em muitos cestos.

Quando estavam todos na barcaça, incerto ainda de escapar daquele perigo, tomei o comando de capitão e disse aos jovens:

– Maria é a Estrela do Mar. Não abandona quem nela

confia; coloquemo-nos todos sob seu mando. Ela nos tirará dos perigos e nos guiará a um porto tranquilo.

Aí entregamos a barca aos vagalhões, enquanto flutuava maravilhosamente e se movia, afastrando-se daquele lugar (*facta est quase navis institoris, de longe portans panem suum* = é parecida com o navio do comerciante, que importa de longe as provisões. – Pr 31,16). O ímpeto das ondas agitadas pelo vento lhe imprimia tamanha velocidade que nós, abraçados uns aos outros, formamos um só corpo para não cair.

Percorrida muita distância em brevíssimo tempo, de repente a barca para e começa a girar em volta de si mesma com extraordinária velocidade; parecia afundar. Porém, uma golfada violentíssima de vento a tirou do vórtice. Tomou, então, uma velocidade mais regular e, repetindo-se de quando em quando um redemoinho e golpe de vento salvador, foi parar perto de uma margem mais enxuta, bonita e extensa que parecia erguer-se como uma colina no meio daquele mar.

Muitos jovens se encantaram. Dizendo que o Senhor tinha posto o homem na terra e não sobre as águas, sem pedir licença, saíram da barca festejando. Convidando outros a segui-los, desembarcaram naquela colina. Sua alegria durou pouco, pois crescendo de novo as águas, devido a um repentino recrudescimento da tempestade, invadiram as fraldas daquela linda colina, e rapidamente soltando gritos desesperadores, aqueles infelizes se viram com a água até à cintura. Depois, derrubados pelas ondas, desapareceram. Eu exclamei:

– É mesmo verdade que quem faz de própria cabeça para caro.

A barca embalada por aquele turbilhão ameaçava de novo afundar. Vi então meus jovens de rosto pálido e ofegante. Gritei-lhes:

– Tenham coragem; Maria não nos abandonará. – Unânicos, de coração, recitamos os atos de fé, de esperança, de caridade e de contrição, alguns *Pai Nossos* e *Ave Marias* e a *Salve Rainha*; então, ajoelhados, dando-nos as mãos, recitamos individualmente orações particulares. Entretanto, alguns insensatos, indiferentes àquele perigo, como se nada estivesse

acontecendo, levantando-se e vagueando, giravam ora para cá e ora para lá, dando risadas de mofa e gozando do comportamento de súplica dos companheiros. Eis que a nave para de improviso, gira sobre si mesma com rapidez, e um vento furioso jogou aqueles miseráveis nas ondas. Eram trinta, e sendo a água profunda e barrenta, assim que caíram nela, nada mais se viu deles. Nós entoamos a *Salve Rainha* e, mais do que nunca, invocamos de coração a proteção da Estrela do Mar.

Sobreveio a calma. E a nave, como um peixe, continuava a avançar sem que soubéssemos para onde nos teria conduzido. A bordo fervia continuamente e de várias maneiras um trabalho de salvamento. Fazia-se de tudo para impedir aos jovens de cair nas águas e para salvar os que haviam caído. Pois havia daqueles que, segurando-se incautamente nos baixos parapeitos da barcaça, caíam no lago. Havia também os prepotentes e cruéis que chamavam colegas para perto da beirada e com um empurrão os atiravam nas águas. Por isso vários padres preparavam varas fortes, grossas cordas e anzóis de diversas espécies. Outros amarravam os anzóis às varas e os distribuía e estes e àqueles. Outros já estavam em seus lugares com as varas levantadas e, com o olhar fixo sobre as ondas, atentos ao grito de socorro. Mal um jovem caía, as varas se abaixavam, o naufrago se agarrava na linha ou, então, com o anzol era fígado pela cintura ou pelas roupas e, assim, era trazido a salvo. Entre os encarregados da pesca havia os que atrapalhavam ou impediam os pescadores e aqueles que preparavam ou distribuía os anzóis. E os clérigos vigiavam por todos os lados para segurar os jovens que formavam ainda uma multidão.

Eu estava aos pés de um estandarte fixado no centro, rodeado por muitíssimos jovens, padres e clérigos que executavam minhas ordens. Até o momento que ficaram dóceis e obedientes às minhas palavras, tudo ia bem, estavam tranquilos, contentes e seguros. Não poucos começaram a achar incômoda a barcaça, a considerar a viagem muito longa, a se queixar do desconforto e dos perigos da travessia, a apostar a respeito do lugar aonde haveríamos de aportar, a pensar em

maneira de procurar outro refúgio, e se iludir na esperança de que perto haveria terra, onde encontrariam abrigo seguro, a duvidar que cedo faltariam víveres, a discutir entre si, a recusar obedecer-me. Em vão me esforçava com motivações para persuadi-los.

E eis outras barcaças, que se aproximavam parecendo terem direção diferente da nossa, e os imprudentes decidiram secundar seus caprichos, afastar-se de mim e fazer seu próprio gosto. Atiraram às águas algumas mesas que estavam na nossa barcaça e, tendo visto outras bastante largas que flutuavam não muito afastadas, saltaram nelas e se afastaram atrás das barcaças que haviam aparecido. Foi uma cena indescritível e dolorosa para mim; via aqueles infelizes irem ao encontro da ruína. O vento soprava, os vagalhões se agitavam; alguns afundaram debaixo deles que se levantavam e abaixavam com fúria; outros foram envolvidos pelas espirais dos vórtices e arrastados para os abismos; outros bateram em obstáculos na superfície da água e desapareceram de cabeça para baixo. Alguns quantos conseguiram subir nas barcaças que, entretanto, não demoraram a submergir. A noite tornou-se escura e negra. Ao longe se ouviam gritos lancinantes daqueles que pereciam. Todos naufragaram. *In mare mundi submergentur omnes illi quos non suscipit navis ista* (No mar do mundo naufragarão todos aqueles que esta nave não acolhe), isto é, o navio que é Maria Santíssima.

O número de meus queridos filhos tinha diminuído muito. Apesar disso, o barco entrou numa espécie de estreito apertadíssimo, entre duas margens lamacentas cobertas de arbustos e grandes lascas, pedregulhos, estacas, galhada, pedras quebradas, antenas, remos. Ao redor da barca viam-se tarântulas, sapos, cobras, dragões, crocodilos, tubarões, víboras e mil outros animais nojentos. Nos salgueiros chorões que pendiam sobre nossa embarcação, havia gatões de corpo estranho que dilaceravam pedaços de membros humanos. E muitos macacos que, balançando nos galhos, se esforçavam para tocar e enroscar-se nos jovens. Mas estes, inclinando-se amedrontados, se esquivavam daquelas insídias.

Foi ali, naquele canal, que revimos com grande surpresa e horror os pobres companheiros perdidos ou que haviam desertado de nós. Depois do naufrágio tinham sido jogados pelas ondas naquela praia. Os membros de alguns estavam em pedaços por causa do choque violentíssimo contra os escolhos. Um estava soterrado no pântano e dele só eram vistos os cabelos e metade de um braço. Aqui emergia da lama um dorso, mais adiante, uma cabeça; alhures boiava inteiramente visível algum cadáver.

De repente ouve-se a voz de um jovem da barcaça gritando:

– Aqui está um monstro que devora as carnes do fulano de tal!

E chama repetidamente pelo nome aquele desgraçado, apontando-o com o dedo aos companheiros aterrorizados. Mas outro era o espetáculo que se apresentava a nossos olhos. Não longe se levantava uma gigantesca fornalha; nela se propagava um alto e ardentíssimo fogo. Nela apareciam formas humanas e se viam pés, pernas, braços, mãos, cabeças, ora subindo ora descendo entre as chamas, confusamente, da mesma maneira que uma leguminosa na panela quando esta ferve. Observando com atenção, descobrimos muitos de nossos alunos e ficamos espantados. Acima daquele fogo havia como que uma grande cobertura, na qual estava escrito em grandes caracteres estas palavras: – O SEXTO E O SÉTIMO CONDUZEM AQUI.

Perto havia um extenso e alto promontório com muitíssimas árvores desordenadamente dispostas. Aí se movimentava grande multidão de nossos jovens. Haviam ou caído nas ondas ou se afastado durante a viagem. Eu descí à terra sem olhar ao perigo. Aproximei-me e vi que estavam os olhos, os ouvidos, os cabelos ou até o coração, cheios de insetos e vermes nojentos que os roíam, causando-lhes enorme dor. Um destes sofria mais do que os outros; queria me aproximar dele, mas ele fugia de mim, escondendo-se atrás das árvores. Vi outros que, abrindo as vestes por causa da dor, mostravam a pessoa envolta por serpentes; outros tinham víboras no colo.

Mostrei a todos uma fonte que jorrava em grande

quantidade água fresca e ferruginosa. Quem nela se lavasse, ficava curado no mesmo instante e podia voltar para a barcaça. Grande parte daqueles infelizes obedeceu a meu convite; entretanto, alguns recusaram. Eu, então, deixando de esperar, dirigi-me àqueles que tinham recuperado a saúde, e que, às minhas insistências, me seguiram em segurança, pois os monstros tinham se retirado. Apenas embarcados, a barcaça empurrada pelo vento saiu daquele estreito pelo lado oposto do qual tinha entrado, lançando-se num oceano sem limites.

Nós, lamentando o triste destino e fim lacrimoso dos nossos companheiros abandonados naquele lugar, começamos a cantar: *Lodate Maria, o lingue fedeli* (Louvando Maria o povo fiel...), em agradecimento à grande Mãe do céu, por nos haver protegido até então. No mesmo instante, como se fosse a mando de Maria, a fúria do vento cessou, e a nave começou a deslizar veloz por sobre ondas plácidas, com tanta facilidade que não se pode descrever. Parecia que ela avançasse unicamente com o impulso que os jovens lhe davam jogando para trás a água com a palma da mão.

E eis que aparece no céu o arco-íris, mais maravilhoso e variado que uma aurora boreal. Passando nele lemos, sem entender-lhe o sentido, escrita em grandes caracteres, a palavra MEDOUM. A mim, porém, pareceu que cada letra é o começo destas palavras: *Mater Et Domina Omnis Universi Maria* (Mãe e Senhora de Todo o Universo Maria).

Após longo trecho de viagem, eis que desponta terra ao longe no horizonte. Aproximando-nos pouco a pouco, sentimos despertar no coração uma inexprimível alegria. Essa terra, muito amena por causa de pequenos bosques com toda espécie de árvores, oferecia a mais encantadora paisagem, porque era iluminada como a claridade da luz do sol nascente por detrás das colinas. Era uma luz que brilhava inefavelmente serena, parecida à de uma esplêndida tarde de verão, que infundia uma sensação de repouso e de paz.

Finalmente tocando contra as areias da praia e arrastando nelas, a barcaça parou no seco, aos pés de um belíssimo vinhedo. Desta barcaça se pode muito bem dizer: *Eam*

tu Deus pontem fecisti, quo a mundi fluctibus trajicientes ad tranquillum portum tuum deveniamos (Ó Deus, fizeste a ponte pela qual podemos passar sobre as ondas do mundo e chegar tranquilos no porto).

Os jovens estavam desejosos de entrar na vinha, e alguns, mais curiosos do que outros, num pulo estavam na praia. Mas, depois de alguns passos, lembrando do destino infeliz daqueles primeiros que se encantaram com a margem no meio do mar borrascoso, retornaram bem de pressa ao barco.

Todos tinham os olhos voltados para mim; a pergunta estava na frente de cada um:

– Dom Bosco, está na hora de descer e parar?

Primeiro refleti um pouco e depois lhes falei: – Desçamos, chegou a hora. Agora estamos em segurança!

Houve um grito geral de alegria! Todos, esfregando as mãos de satisfação, entraram no vinhedo arrumado com a maior ordem. Cachos de uva, parecidos com aqueles da terra prometida, pendiam das videiras. Nas árvores havia toda espécie de frutas que se possa desejar na bela estação, com sabor nunca experimentado. No meio daquela extensíssima vinha, surgia um grande castelo rodeado por encantador e real jardim e por fortes muros.

Encaminhamo-nos para visitá-lo, sendo-nos concedida entrada franca. Estávamos cansados e famintos; numa sala ampla, completamente revestida de ouro, tinha sido preparada para nós uma grande mesa com toda qualidade das mais finas comidas, de que pudemos nos servir à vontade.

Enquanto terminávamos de nos alimentar, entrou na sala um nobre rapaz, ricamente vestido, de indescritível beleza. Cumprimentou-nos com cortesia afetuosa e familiar, dizendo nome de todos. Vendo que estávamos estupefatos e maravilhados por sua beleza e por tantas coisas que tínhamos já observado, nos disse: – Isso não é nada; venham e verão. – Todos nós o seguimos e, dos parapeitos das sacadas, nos mostrou os jardins, dizendo que nós éramos os donos deles para nossos recreios. Conduziu-nos de sala em sala, uma mais magnífica que a outra pela arquitetura, colunatas e decorações

de todo estilo. Depois, abrindo uma porta que dava a uma capela, convidou-nos a entrar. Por fora a capela parecia pequena, mas assim que passamos os umbrais, podíamos ver. O piso, as paredes, as arcadas, eram guarnecidas e enriquecidas com admiráveis trabalhos em mármore, prata, ouro e pedras preciosas, que, eu extático, exclamei: – Mas isto é beleza de paraíso; faço qualquer coisa para ficar aqui para sempre!

No meio do grande templo, sobre rica base levantava-se uma grande magnífica estátua representando Maria Auxiliadora. Chamei muitos jovens que haviam se espalhado aqui e acolá, para contemplar a beleza do magnífico edifício sagrado. A multidão toda se colocou diante daquela estátua para agradecer à Virgem Celeste pelos muitos favores que nos concedeu. Nesse instante tomei consciência da imensidão daquela igreja, pois todos os milhares de jovens pareciam um grupo pequeno ocupando o centro.

Enquanto os jovens estavam contemplando aquela estátua que tinha fisionomia suave, verdadeiramente celestial, de repente ela parece movimentar-se e sorrir. E eis que acontece um murmúrio, um estremecimento na multidão. Exclamaram alguns: – Nossa Senhora movimenta os olhos! – De fato, Maria Santíssima mexia com inefável bondade os seus olhos maternos sobre os jovens. Pouco depois um segundo grito geral: – Nossa Senhora mexe as mãos. – De fato, abrindo lentamente os braços, ela levantava o manto, como para acolher a todos debaixo dele. Em nossas faces corriam lágrimas pela emoção. Alguns disseram: – Nossa Senhora mexe os lábios! – Houve um silêncio profundo; e Nossa Senhora abriu a boca, dizendo com voz argentina e suavíssima:

– SE VOCÊS FOREM FILHOS DEVOTOS PARA MIM, EU SEREI MÃE PIEDOSA PARA VOCÊS!

A estas palavras todos caímos de joelhos e entoamos o canto: *Lodate Maria, o lingue fedeli.*

Esta harmonia era tão forte, tão suave que, vencido por ela, eu acordei. Assim acabou a visão.

Dom Bosco concluía:

Vejam, meus caros filhos! Neste sonho podemos

reconhecer o mar borrascoso deste mundo. Se vocês forem dóceis e obedientes às minhas palavras e não derem corda aos maus conselheiros, depois de se terem esforçado para fazer o bem e fugir do mal, vencidas todas as nossas más tendências, chegaremos, no fim de nossa vida, a uma praia segura. Então virá ao nosso encontro, enviado pela Santíssima Nossa Senhora, aquele que, em nome de nosso bom Deus, nos introduzirá no seu jardim real, isto é, no Paraíso, na sua amabilíssima presença para nos confortar de nossos esforços. Mas se fizerem o contrário daquilo que eu lhes ensino, satisfazendo os próprios caprichos e não dando atenção aos meus conselhos, naufragarão miseravelmente.

Em diversas ocasiões, em particular, Dom Bosco dava alguma explicação detalhada deste sonho, que se refere não só ao Oratório, mas também à Pia Sociedade.

“O prado é o mundo; a água que ameaçava nos afogar são os perigos do mundo. A inundação, tão terrivelmente extensa, os vícios, e as afirmações irreligiosas são as perseguições contra os bons. – O moinho, quer dizer um lugar isolado e tranquilo, mas ainda ameaçado, é a casa do pão, a Igreja Católica. – Os cestos de pão, a Santíssima Eucaristia que serve de Viático aos navegantes. – A barcaça é o Oratório. – O tronco de árvore, que dá passagem do moinho à barca, é a cruz, ou seja, o sacrifício de si mesmo a Deus por meio da mortificação cristã. – A tábua, colocada pelos jovens como ponto mais cômodo para entrar no barco, significa a transgressão do regulamento. Muitos entram com finalidades estranhas e baixas: fazer carreira, lucro, honrarias, comodidades, mudança de condições e de estado; estes são os que não rezam e debocham da piedade dos outros. – Os sacerdotes e os clérigos simbolizam a obediência e indicam os prodígios de salvação que conseguem realizar. – Os vórtices são as diversas e tremendas perseguições que surgiram e surgirão. – A ilha submersa, os desobedientes que não querem permanecer na barca e voltam para o mundo desprezando a vocação. – O mesmo seja dito dos que procuram refúgio em outras barcas. – Muitos dos que tinham caído na água estendiam

a mão aos que estavam na barca e, ajudados pelos companheiros, voltavam. Eram os que tinham boa vontade, e que, tendo cometido pecado, se colocavam novamente na graça de Deus por meio da penitência. – O estreito, os gatos, os macacos e demais monstros, são as revoltas, as ocasiões e as seduções para a culpa etc. – Os insetos nos olhos, na língua, no coração, são os maus olhares, as conversas obscenas, os afetos desordenados. – A fonte de água ferruginosa, com o poder de matar todos os insetos e de curar no mesmo instante, são os Sacramentos da Confissão e da Comunhão. – A lama e o fogo são lugar de pecados e de condenação. Convém observar, contudo: isso não quer dizer que todos aqueles que caíram na lama e nunca mais foram vistos, e todos os que eram devorados pelas chamas devem se perder no inferno. Não! Deus nos livre de afirmar isso. Mas quer significar que ainda estavam sem a graça de Deus; se tivessem morrido naquele momento estariam eternamente perdidos. – A ilha feliz e o templo são a Sociedade Salesiana, firme e triunfante. E o maravilhoso moço que acolhe os jovens, conduzindo-os a visitar o palácio e o templo, parece ser um aluno falecido que já está na posse do Paraíso. Talvez Domingos Sávio. (MBp VIII, 303-312)

A carta de Roma (1884)

Em 1884, enquanto estava em Roma, alguns dias antes de retornar a Turim, Dom Bosco teve dois sonhos que transcreveu em uma carta que enviou a seus entes queridos em Valdocco. É conhecida como “A Carta de Roma” e é um dos textos mais estudados e comentados. Propomos o texto original completo para leitura.

Meus caríssimos filhos Jesus Cristo,

Perto ou longe, sempre penso em vós. Meu único desejo é ver-vos felizes no tempo e na eternidade. Esse pensamento e esse desejo é que me levaram a escrever-vos esta carta. Sinto, meus caros, o peso do afastamento e o fato de não vos ver nem ouvir me aflige como não podeis imaginar. Desejaria por isso escrever-vos estas linhas há uma semana, mas as contínuas ocupações me impediram. Todavia, embora faltem poucos dias para minha volta, quero antecipar minha chegada ao menos por carta, já que não posso fazê-lo pessoalmente. São palavras de alguém que vos ama carinhosamente em Jesus Cristo e tem obrigação de falar-vos com a liberdade de um pai. Haveis de permiti-lo, não é verdade? E me prestareis atenção e poreis em prática o vou dizer-vos.

Afirmei que sois o único e contínuo pensamento de minha mente. Ora, numa das noites passadas, havia-me recolhido ao quarto, e, enquanto me dispunha a repousar, tinha começado a rezar as orações que minha boa mãe me ensinou. Nesse momento, não sei se dominado pelo sono ou fora de mim por uma distração, pareceu-me ver dois dos antigos jovens do Oratório virem ao meu encontro.

Um deles aproximou-se e saudando-me afetuosamente, me disse:

– Dom Bosco, não me conhece?

– Se te conheço – respondi.

– E lembra-se ainda de mim? – acrescentou o homem.

– De ti e de todos os outros. És Valfrè e estavas no Oratório antes de 1870.

– Diga – continuou Valfrè –, quer ver os jovens que estavam no Oratório no meu tempo?

– Sim, mostra-me – respondi –, isto vai dar-me grande prazer.

Então Valfrè mostrou-me todos os jovens com o mesmo semblante, estatura e idade daquele tempo. Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, movimento, alegria. Quem corria, quem pulava, quem fazia pular. Aqui se brincava de rã, de barra, ou com

bola. Num lugar, uma roda de jovens pendia dos lábios de um padre, que lhes contava uma história. Noutra, um clérigo no meio de outros meninos brincava de *burro voa* e de *jerônimo*. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda parte encontravam-se padres e clérigos, e ao redor deles jovens brincando e gritando alegremente. Via-se que entre jovens e superiores reinava a maior cordialidade e confiança. Eu estava encantado com o espetáculo. Valfrè me disse então:

– Veja, a familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isso é que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres, assistentes e superiores. Tornam-se sinceros na confissão e fora da confissão e se prestam docilmente a tudo o que porventura lhes mandar aquele de quem têm certeza de serem amados.

Nesse instante aproximou-se de mim o outro ex-aluno, de barba toda branca, e me disse:

– Dom Bosco, quer conhecer e ver agora os jovens que atualmente estão no Oratório? (Era José Buzzetti).

– Sim, respondi, porque há já um mês que não os vejo!

E apontou-os para mim: vi o Oratório e todos vós no recreio. Mas já não ouvia gritos de alegria e cantos, não via o movimento e a vida da cena anterior.

Nos modos e nos rostos de muitos dos jovens, lia-se enfado, cansaço, mau humor, desconfiança, que me fazia sofrer o coração. Vi, é verdade, muitos a correr, brincar, agitar-se, com feliz despreocupação, mas muitos outros estavam sós, encostados às colunas, dominados por pensamentos desalentadores; encontravam-se outros pelas escadas e nos corredores ou na sacada perto do jardim para evitar o recreio comum; outros passeavam lentamente em grupos falando em voz baixa, lançando ao derredor olhares desconfiados e maliciosos. Sorriam de vez em quando, mas com um sorriso acompanhado de olhares que faziam suspeitar e até mesmo acreditar que São Luís haveria de corar se andasse em tal companhia; mesmo entre os que brincavam havia alguns tão enfiados, que mostravam claramente não achar nenhum gosto nos divertimentos.

– Viu seus jovens? – perguntou-me o ex-aluno.

– Vejo-os – respondi suspirando.

– Como são diferentes do que éramos nós em nosso tempo! – exclamou o ex-aluno.

– É pena! Quanta falta de vontade nesse recreio!

– De aí é que vem a frieza de tantos meninos na frequência dos santos sacramentos, o desleixo das práticas de piedade na igreja e fora; o estar de má vontade num lugar onde a Divina Providência os cumula de todo bem para o corpo, para a alma, para a inteligência. De aí não corresponderem muitos à sua vocação; de aí os segredinhos e as murmurações, com todas as demais deploráveis consequências.

– Compreendo, entendo – respondi. Mas como reanimar estes meus caros jovens para que retomem a antiga vivacidade, alegria, expansão?

– Com o amor!

– Com o amor? Mas os meus jovens não são bastante amados? Sabes quanto os amo. Sabes quanto por eles sofri e tolerei no decorrer de bem quarenta anos, e quanto suporte e sofro mesmo agora. Quantas privações, quantas humilhações, quantas oposições, quantas perseguições, para dar-lhes pão, casa, professores e, especialmente para garantir-lhes a salvação da alma. Fiz tudo quanto soube e pude por eles que são o amor de toda a minha vida.

– Não falo do senhor!

– De quem, então? Dos que me fazem as vezes? Dos diretores, prefeitos, professores, assistentes? Não vês como são mártires do estudo e do trabalho? Como consomem sua juventude por aqueles que a Divina Providência lhes confiou?

– Vejo, sei perfeitamente; mas isso não basta. Falta o melhor.

– Que é que falta, então?

– Que os jovens não somente sejam amados, mas que eles próprios saibam que são amados.

– Mas, afinal, não têm olhos? Não têm a luz da inteligência? Não veem que tudo o que por eles se faz é por amor a eles?

– Não, repito, isso não basta.

– Que, é preciso, então?

– Que, sendo amados nas coisas que lhes agradam, ao participar dos seus gostos infantis, aprendam a ver amor nas coisas que naturalmente pouco lhes agradam, como a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos; e aprendam a fazer essas coisas com entusiasmo e amor.

– Explica-te melhor!

– Observe os jovens no recreio. Observei e respondi:

– E que há de especial para ver?

– Há tantos anos que vive a educar os jovens e não entende? Observe melhor! Onde estão nossos salesianos?

Observei e vi que bem poucos padres e clérigos se misturavam com os jovens e bem menos ainda eram os que tomavam parte em seus divertimentos. Os superiores já não eram a alma do recreio. A maior parte deles passeava conversando entre si, sem ligar ao que faziam os alunos; outros olhavam o recreio sem se preocuparem absolutamente com os jovens; outros vigiavam, mas tão de longe que não poderiam perceber se os jovens cometiam alguma falta; um ou outro avisava, mas em atitude ameaçadora e bem de raro. Ainda havia um ou outro salesiano que gostaria de intrometer-se no meio dos jovens; vi, porém, que esses procuravam propositalmente se afastar dos professores e superiores.

Então meu amigo continuou:

– Nos velhos tempos do Oratório, o senhor não estava sempre no meio dos jovens, especialmente na hora do recreio? Lembra aqueles tão belos anos? Era um santo alvoroço, um tempo lembramos sempre com saudade, porque o afeto é o que nos servia de regra, e nós não tínhamos segredos para o senhor.

– Certamente. Tudo então era alegria para mim. Os jovens corriam ao meu encontro, para falar-me; ansiavam por ouvir meus conselhos e pô-los em prática. Vês, porém, que agora as contínuas audiências, os muitos afazeres e minha saúde não o permitem.

– Está bem: mas se o senhor não pode, por que seus salesianos não o imitam? Por que não insiste, não exige que tratem os jovens como o senhor os tratava?

– Eu falo, canso-me de falar, entretanto muitos não se sentem dispostos a enfrentar os trabalhos como outrora.

– E, então, descuidando o menos, perdem o mais, e esse “mais” são seus trabalhos. Amem o que agrada aos jovens, e os jovens amarão o que aos superiores agrada. E, assim, ser-lhes-á fácil o trabalho. A causa da mudança atual no Oratório é que bom número de jovens não tem confiança nos superiores. Antigamente os corações estavam todos abertos aos superiores, a quem os jovens amavam e obedeciam prontamente. Mas agora os superiores são considerados como superiores e não como pais, irmãos e amigos; são pois temidos e pouco amados. Por isso, se quiser formar um só coração e uma só alma, é preciso que por amor de Jesus, se rompa a barreira fatal da desconfiança e se lhe substitua uma confiança cordial. Guie pois à obediência o aluno como a mãe guia o filhinho; reinará então no Oratório a paz e a antiga alegria.

– Como fazer, então, para romper a barreira?

– Familiaridade com os jovens especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama. Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou as nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade! O professor visto apenas na cátedra é professor e nada mais, mas se está no recreio com os jovens, torna-se irmão.

Se alguém for visto apenas a pregar no púlpito, dir-se-á que está fazendo apenas o próprio dever; mas se diz uma palavra no recreio, é palavra de alguém que ama. Quantas conversões não provocaram algumas palavras suas ditas ocasionalmente aos ouvidos de um jovem enquanto brincava! Quem sabe que é amado, ama; e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre jovens e superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas necessidades e manifestam seus defeitos. Esse

amor faz os superiores suportarem canseiras, aborrecimentos, ingratidões, desordens, faltas e negligências dos meninos. Jesus Cristo não quebrou a cana já partida, nem apagou a mecha que fumeja. Eis vosso modelo. Então não se verá ninguém mais trabalhar apenas por vanglória; punir apenas para satisfazer o amor próprio ofendido; retirar-se do campo da vigilância tão somente por ciúme da temida preponderância alheia; murmurar dos outros querendo ser amado e estimado pelos jovens, com exclusão de todos os demais superiores, ganhando nada mais que desprezo e falsas manifestações de carinho; deixar-se roubar o coração por uma criatura e, para fazer-lhe corte, descuidar dos outros meninos; por amor da própria comodidade julgar de somenos importância o dever importantíssimo da vigilância; por vão respeito humano deixar de advertir quem deve ser advertido. Se houver esse verdadeiro amor, não se haverá de procurar senão a glória de Deus e a salvação das almas. Se vier a definhar, então é que as coisas já não vão bem. Por que se quer substituir à caridade a frieza de um regulamento? Por que se afastam os superiores da maneira de educar que Dom Bosco lhes ensinou? Por que ao sistema de prevenir com a vigilância e amorosamente as desordens, se vai substituindo pouco a pouco o sistema, menos pesado e mais cômodo para quem manda, de impor leis que se mantêm com castigos, acendem ódios e geram desgostos, e se não se cuida de as fazer observar, geram desprezo aos superiores e causam gravíssimas desordens?

É o que acontece necessariamente se faltar a familiaridade. Se, se quiser, pois, que o Oratório volte à antiga felicidade, reponha-se em vigor o antigo sistema: o superior seja tudo para todos, sempre pronto a ouvir qualquer dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar-lhes paternalmente a conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal dos que a Providência lhe confiou. Então, já não haverá corações fechados e não se alastrarão mais certos segredinhos que acabam matando. Somente em caso de imoralidade os superiores sejam inexoráveis. É melhor correr perigo de expulsar de casa um inocente, que conservar um escandaloso. Os assistentes considerem gravíssimo dever de

consciência relatar aos superiores tudo o que souberem ser de algum modo ofensa a Deus.

Então indaguei:

– Qual o meio mais indicado para que reine essa familiaridade, esse amor e essa confiança?

– A observância exata das regras da casa.

– E nada mais?

– O melhor prato em um jantar é o bom humor.

Enquanto meu antigo aluno acabava de falar e eu continuava a observar com vivo desprazer o recreio, pouco a pouco senti-me abatido por grande canseira, que ia crescendo cada vez mais. E chegou a tal ponto que não podendo mais resistir, estremeci e acordei.

Encontrei-me de pé junto à cama. As pernas estavam tão inchadas e me doíam tanto que não podia ficar de pé. A hora já ia muito adiantada, de modo que me deitei resolvido a escrever estas linhas a meus filhos.

Desejo não ter sonhos assim, porque me cansam demais. No dia seguinte sentia-me todo moído e não via a hora de descansar na próxima noite. Eis, porém, que apenas me deitei, o sonho recomeçou. Reapareceram o pátio, os jovens que atualmente estão no Oratório e o mesmo aluno do Oratório. Comecei a interrogá-lo:

– Comunicarei aos salesianos o que me disseste; mas o que devo dizer aos jovens do Oratório?

Respondeu-me:

– Que reconheçam o quanto os superiores, mestres e assistentes trabalham e estudam por amor deles, pois se não fosse pelo bem deles não haviam de sujeitar-se a tantos sacrifícios; que se lembrem ser a humildade a fonte de toda tranquilidade; que saibam suportar os defeitos dos outros, porque a perfeição não é deste mundo, mas somente do paraíso; que deixem de murmurar, porque as murmurações esfriam os corações; e, sobretudo, que procurem viver na santa graça de Deus. Quem não tem paz com Deus, não tem paz nem consigo nem com os outros.

– Queres dizer então que há entre meus jovens

alguns que não estão em paz com Deus?

– Entre as causas do mal-estar que Dom Bosco conhece, e não vou recordar agora e às quais deve pôr remédio, esta é a principal. Com efeito, não desconfia senão quem tem segredos a guardar, senão quem teme que tais segredos venham a ser conhecidos, porque sabe que isso lhes traria vergonha e desgraça. Ao mesmo tempo, se o coração não está em paz com Deus, fica angustiado ansioso, irrequieto, rebelde à obediência, irrita-se por um nonada, parece-lhe que tudo vai mal, e por não ter amor, julga que os superiores não o amam.

– Entretanto, meu caro, não vês quanta frequência de confissões e comunhões há no Oratório?

– É verdade que é grande a frequência das confissões, mas o que falta *radicalmente* em muitos meninos que se confessam é a firmeza nos propósitos. Confessam-se, mas sempre das mesmas falhas, das mesmas ocasiões próximas, dos mesmos maus hábitos, das mesmas desobediências, das mesmas transgressões nos deveres. E vai-se para a frente meses e meses, e também por vários anos, e alguns chegam assim até o fim do curso secundário. São confissões que pouco ou nada valem; conseqüentemente não trazem a paz. Se o menino fosse chamado nesse estado ao tribunal de Deus, que desgraça não seria.

– E há muitos jovens assim no Oratório?

– Poucos em comparação com o grande número de jovens que se encontram na casa. Veja. E apontava.

Olhei e vi os tais jovens um por um. Nesses poucos, porém, vi coisas que me amarguraram profundamente o coração. Não quero pô-las no papel, mas quando voltar, quero contar a cada um dos interessados. Aqui apenas vos direi que é tempo de rezar e de tomar firmes resoluções: tomar propósitos não com palavras, mas com fatos, e demonstrar que os Comollos, os Domingos Sávios, os Besuccos e os Saccardis ainda vivem entre nós.

Perguntei por fim ao meu amigo:

– Não tens mais nada a dizer-me?

– Pregue a todos, grandes e pequenos, que se

lembrem sempre de Maria Santíssima Auxiliadora. Que ela os reuniu aqui para tirá-los dos perigos do mundo, para que se amassem como irmãos, e para que dessem glória a Deus e a ela, com o bom procedimento; que é Nossa Senhora quem lhes providencia pão e meios para estudar, mediante graças e portentos. Lembrem-se de que estão na vigília da festa de sua Mãe Santíssima, e com sua ajuda deve cair a barreira da desconfiança que o demônio soube erguer entre jovens e superiores, e da qual se aproveita para ruína de certas almas.

– E conseguiremos destruir essa barreira?

– Sim, certamente, contanto que grandes e pequenos estejam dispostos a sofrer alguma pequena mortificação por amor de Maria e ponham em prática o que eu disse.

Entrementes, eu continuava a olhar meus juvenzinhos, ante o espetáculo dos que via encaminhar-se para a eterna perdição, senti tamanho aperto no coração que acordei. Muitas coisas importantíssimas que eu vi gostaria de contar-vos, mas o tempo e as conveniências não permitem.

Vou concluir. Sabeis o que deseja de vós este pobre velho, que gastou toda a vida por seus caros jovens? Nada mais do que, feitas as devidas proporções, retomem os dias felizes do Oratório primitivo. Os dias do afeto e da confiança cristã entre jovens e superiores; os dias do espírito de condescendência e tolerância por amor de Jesus Cristo, de uns para com os outros; os dias dos corações abertos com toda simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos. Tenho necessidade de que me consoleis, dando-me a esperança e a promessa de que fareis tudo o que desejo para o bem de vossas almas. Não conheceis suficientemente que felicidade é a vossa de haverdes sido recebidos no Oratório. Diante de Deus declaro: Basta que um jovem entre numa casa salesiana, para que a Virgem Santíssima o tome imediatamente debaixo de sua especial proteção. Ponhamo-nos, pois, todos de acordo. A caridade dos que mandam, a caridade dos que devem obedecer, faça reinar entre nós o espírito de São Francisco de Sales. Ó meus caros filhinhos, aproxima-se o tempo em que deverei me separar de vós e partir

para a minha eternidade. (*Nota do secretário*: Neste ponto, Dom Bosco suspendeu o ditado; os olhos se lhe encheram de lágrimas, não por desgosto, mas por inefável ternura que ressumava de seu olhar e do tom de sua voz; depois de alguns instantes, continuou.) Desejo, portanto, deixar-vos a todos, padres, clérigos, jovens caríssimos, no caminho do Senhor, em que Ele próprio vos deseja.

Para tal fim, o Santo Padre, que vi sexta-feira, 9 de maio, vos manda de todo o coração sua bênção. No dia da festa de Nossa Senhora Auxiliadora, estarei convosco ante a imagem de nossa amosíssima Mãe. Quero que esta grande festa se celebre com toda a solenidade, e o P. Lazzero e o P. Marchisio providenciem para que estejamos todos alegres também no refeitório. A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa eterna que devemos celebrar um dia, todos juntos, no paraíso.

Roma, 10 de maio de 1884

Vosso afetosíssimo amigo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

(Constituições e Regulamentos, 278-291; cf. MB XVII, 107-114)

0 sonho dos 9 anos

A série dos “sonhos” de Dom Bosco começa com aquele que ele teve aos nove anos de idade, por volta de 1824. É um dos mais importantes, se não o mais importante, porque aponta para uma missão confiada pela Providência que se concretiza em um carisma particular na Igreja. Muitos outros se seguirão, a maioria deles coletados nas Memórias Biográficas e retomados em outras publicações dedicadas a esse assunto. Propomos apresentar os mais relevantes em vários artigos subsequentes.

Na idade de aproximadamente 9 anos tive um sonho que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida. Pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros se divertiam, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar. Nesse momento apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras:

– Não é com pancadas; é com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre quão feio é o pecado e quão preciosa é a virtude.

– Confuso e assustado, repliquei que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Senão quando aqueles meninos, parando de brigar, de gritar e blasfemar, juntaram-se ao redor do personagem que estava a falar.

Quase sem saber o que dizer, acrescentei:

– Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?

– Justamente porque te parecem impossíveis, deves torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.

– Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?

– Eu te darei a mestra sob cuja orientação poderás tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria se converte em estultice.

– Quem sois vós que assim falais?

– Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.

– Minha mãe diz que sem sua licença não devo estar com gente que não conheço; dissei-me, pois, vosso nome.

– Pergunta-o à minha mãe.

Nesse momento vi a seu lado uma senhora de aspecto

majestoso, vestida de um manto tão resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela. Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que me aproximasse e, tomando-me com bondade pela mão, disse: – Olha! – Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles apareceu uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais. – Eis o teu campo, onde deves trabalhar. Torna-se humilde, forte, robusto. E o que agora vês acontecer a esses animais deves fazê-lo aos meus filhos.

Tornei então a olhar, e em vez de animais ferozes apareceram mansos cordeirinhos que, saltitando e balindo, corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.

Nesse ponto, sempre no sonho, desatei a chorar, e pedi que falassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça, dizendo: – A seu tempo, tudo compreenderás. – Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou, e tudo desapareceu. Fiquei transtornado. Parecia-me ter as mãos doloridas pelos socos que desferira e doer-me o rosto pelos tapas que recedi. Além disso, aquele personagem, a senhora, as coisas ditas e ouvidas me encheram a cabeça e naquela noite não pude mais conciliar o sono.

De manhãzinha contei logo o sonho, primeiro aos meus irmãos, que se puseram a rir, depois à mãe e à vovó. Cada um dava o seu palpite. O irmão José dizia: – Vai ser pastor de cabras, de ovelhas e de outros animais. – Mãe: – Quem sabe se um dia não será Sacerdote. – Antonio, secamente: – Chefe de bandidos, isso sim. – A avó que, de todo analfabeta, entendia muito de Teologia, deu a sentença definitiva: – Não se deve fazer caso dos sonhos. – Eu era do parecer de minha avó, todavia não pude nunca tirar aquele sonho da minha cabeça. O que vou doravante expor dará a isso alguma explicação. Mantive-me sempre calado; meus parentes não lhe deram importância. Quando, em 1858, fui a Roma para falar com o Papa sobre a Congregação Salesiana, ele me fez contar

pormenorizadamente tudo quanto tivesse ainda que só a aparência de sobrenatural. Conteí então pela primeira vez o sonho que tive na idade de 9 a 10 anos. O Papa mandou-me escrevê-lo literalmente com pormenores e deixá-lo como estímulo aos filhos da Congregação, que era precisamente o objetivo de minha viagem a Roma.

(MBp I, 112-114.; cf. Memórias do Oratório de São Francisco de Sales. São João Bosco, 28-30)

O sonho das duas colunas

Entre os sonhos de Dom Bosco, um dos mais conhecidos é o chamado “sonho das duas colunas”. Ele o relatou na noite de 30 de maio de 1862.

“Quero lhe contar sobre um sonho. É verdade que quem sonha não raciocina; mas eu, que a vocês contaria até meus pecados, se não temesse que todos fugissem e a casa fosse desabar, contarei para vosso bem espiritual. O sonho é de alguns dias atrás.

Imaginem estar comigo em uma praia do mar, ou melhor, sobre um recife isolado, e de não estar vendo outra terra firme que não seja a que está debaixo de seus pés. Em toda aquela superfície de água, se vê uma multidão incontável de barcos dispostos em ordem de batalha. Suas proas possuem uma ponta de ferro em forma de seta, apta a ferir e transpassar qualquer coisa que tenha pela frente. Esses barcos têm canhões, fuzis e outras armas, material incendiários, e até livros, e avançam contra um barco muito maior e mais alto do que esses, procurando ir de encontro com a proa, incendiar e fazer todo gênero de estrago.

Aquele barco grande, todo bem equipado tem como escolta outros barcos menores, que recebem ordens dele e

executam movimentos para defender-se dos barcos inimigos. O vento é contrário, e as ondas agitadas parecem favorecer os inimigos.

No meio do mar, elevam-se duas altíssimas colunas, próximas entre si. Sobre uma está a imagem da Virgem Imaculada com a escrita *Auxilium Christianorum* (Auxílio dos cristãos). Sobre a outra, maior e mais alta, está uma grande hóstia, com o letreiro *Salus credentium* (Salvação dos que creem).

O comandante máximo do grande barco, o romano pontífice, vendo o furor dos inimigos e as dificuldades dos fiéis, acha bom convocar junto de si os pilotos dos barcos menores, para tomar as decisões cabíveis. Os pilotos sobem e se reúnem ao redor do Papa. Formam uma assembleia, mas a fúria do vento os obriga a voltar aos seus barcos. Faz-se uma calmaria que permite uma segunda convocação. Mas a tempestade volta a engrossar. O Papa segura o leme e faz todo esforço para levar o navio entre as colunas, que possuem ganchos e âncoras penduradas com correntes.

Os barcos inimigos movem-se todos para assaltá-lo e fazem tentativas para bloquear e afundar o barco grande. Jogam escritos, livros, material incendiário por cima do barco; outros disparam com canhões e fuzis; outros se servem dos rostros (aríete colocado na proa dos navios para perfurar o casco das embarcações inimigas); o combate se faz cada vez mais encarniçados. As proas inimigas o chocam com violência, mas inutilmente. Tentam com novos ataques, mas desperdiçam todos os esforços e munições: o grande navio prossegue com segurança e franqueza a sua rota. Às vezes acontece que, atingido por golpes formidáveis, abrem-se fendas profundas, mas uma brisa suave sai das duas colunas, e as fendas se fecham, os furos se obstruem.

Entretanto começam a explodir os canhões dos assaltantes, partem-se os fuzis, as demais armas e os rostros; muitos barcos são sacudidos e afundam. Então os inimigos enraivecidos passam a usar armas curtas; com as mãos, os punhos, com as blasfêmias e maldições.

E eis que o papa cai atingido gravemente. Logo os

que estão perto o socorrem, e ele se levanta de novo. Atingido uma segunda vez, cai e morre. Um grito de vitória e de alegria ressoa entre os inimigos; em seus barcos se festeja. Porém, outro Papa toma o lugar do falecido. Os pilotos reunidos o elegeram tão rapidamente que a notícia da morte do Papa chega na mesma hora da notícia da nova eleição do sucessor. Os adversários começam a desanimar.

O novo Papa, desbaratando e superando todo obstáculo, guia o barco até as duas colunas e, chegando ao meio delas, o liga com uma corrente que saía da proa a uma âncora da coluna sobre a qual estava a hóstia; e com a outra corrente que saía da popa o liga da parte oposta a uma outra âncora da coluna sobre a qual está colocada a Vigem Imaculada.

Então, acontece um grande revolvimento. Todos os barcos que até então tinham combatido contra o barco do Papa fogem, se dispersam, se chocam e se arrebentam entre si. Uns afundam e outros procuram afundar os outros. Alguns barquinhos que combateram valorosamente com o Papa vão se atracar às colunas.

Outros barcos que, por medo, ficaram longe, observam prudentemente, até que os destroços de todos os navios naufragados desapareçam nos redemoinhos do mar. Ao verem o êxito da batalha, vogam a toda velocidade também até as colunas e lá permanecem tranquilos e seguros, junto com o barco principal onde está o Papa. No mar reina agora uma grande calma.

Dom Bosco, neste momento, perguntou ao P. Rua: – O que pensa desta história?

O P. Rua respondeu: – Parece-me que o barco do Papa seja a Igreja, da qual é o chefe: os barcos são os homens, o mar este mundo. Os que defendem o grande barco são os bons afeiçoados à Santa Sé; os outros, seus inimigos, que com todo tipo de armas tentam derrotá-la. As duas colunas que salvam, me parecem ser a devoção à Maria Santíssima e ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia.

O P. Rua não falou do Papa que morreu nem Dom Bosco tocou no assunto. Mas acrescentou: – Você falou certo.

Só uma pequena correção: os barcos inimigos são as perseguições. Preparam-se graves tribulações para a Igreja. O que já foi è quase nada em comparação ao que deve ainda acontecer. Seus inimigos são representados pelos barcos que tentam afundar, se fosse possível, o barco principal. Restam apenas dois meios para salvar-se entre tamanha perturbação! – Devoção a Maria Santíssima: comunhão frequente, usando todos os meios para praticá-los e fazê-los praticar em toda parte e por todos.

Boa noite!”

(MB VII, 169-171 – MBp VII, 186-189).

* * *

O Servo de Deus Cardeal Schuster, Arcebispo de Milão, deu tanta importância a essa visão que, em 1953, quando estava em Turim como Legado Papal para o Congresso Eucarístico Nacional, na noite de 13 de setembro, durante o solene encerramento do Pontifical, na Praça Vittorio, apinhada de pessoas, deu a esse sonho uma parte relevante de sua Homilia.

Disse, entre outras coisas: “Nesta hora solene, na Turim Eucarística do Cottolengo e de Dom Bosco, lembro-me de uma visão profética que o Fundador do Templo de Maria Auxiliadora narrou aos seus em maio de 1862. Parecia-lhe ver a frota da Igreja sendo batida aqui e ali pelas ondas de uma horrível tempestade; tanto que, em certo momento, o comandante supremo do navio capitânia – Pio IX – convocou os hierarcas dos navios menores para um conselho.

Infelizmente, a tempestade, que rugia de forma cada vez mais ameaçadora, interrompeu o Concílio do Vaticano no meio (deve-se observar que Dom Bosco anunciou esses eventos oito anos antes de acontecerem). Nos altos e baixos daqueles anos, duas vezes os mesmos hierarcas supremos sucumbiram ao trabalho. Quando aconteceu a terceira vez, duas colunas começaram a surgir em meio ao oceano furioso, no topo dos quais triunfavam os símbolos da Eucaristia e da Virgem Imaculada.

Naquela aparição, o novo Pontífice – o Bem-aventurado Pio X – tomou coragem e, com uma corrente firme, enganchou o navio capitânia de Pedro naqueles dois pilares sólidos, baixando as âncoras no mar.

Então, os navios menores começaram a vogar vigorosamente para se reunir ao redor do navio do Papa e, assim, escaparam do naufrágio.

A história confirmou a profecia do vidente. O início do pontificado de Pio X, com a âncora em seu brasão, coincidiu exatamente com o quinquagésimo ano jubilar da proclamação dogmática da Imaculada Conceição de Maria, e foi comemorado em todo o mundo católico. Todos nós nos lembramos do dia 8 de dezembro de 1904, quando o Pontífice, em São Pedro, envolveu a fronte da Imaculada Conceição com uma preciosa coroa de pedras preciosas, consagrando à Mãe toda a família que Jesus Crucificado lhe havia confiado.

Levar as crianças inocentes e os enfermos à mesa eucarística também se tornou parte do programa do generoso Pontífice, que queria restaurar o mundo inteiro em Cristo. Foi assim que, enquanto Pio X viveu, não houve guerra, e ele mereceu o título de pacífico Pontífice da Eucaristia.

Desde aquela época, as condições internacionais não melhoraram de fato, de modo que a experiência de três quartos de século confirma que o barco do Pescador no mar tempestuoso só pode esperar a salvação se se prender às duas colunas da Eucaristia e de Maria Auxiliadora, que apareceu a Dom Bosco em um sonho” (*L’Italia*, 13 de setembro de 1953).

O mesmo santo Cardeal Schuster, certa vez, disse a um salesiano: “Eu reproduzi a visão das duas colunas. Diga aos seus Superiores que mandem reproduzi-la em gravuras e cartões postais e que a espalhem pelo mundo católico, porque essa visão de Dom Bosco é muito atual: a Igreja e o povo cristão serão salvos por estas duas devoções: a Eucaristia e Maria Auxiliadora dos Cristãos”.

P. Pedro ZERBINO, sdb

As profecias de Dom Bosco e os reis da Itália

“A família daqueles que roubam a Deus não chega à quarta geração”.

Morreu há poucos dias o pretendente ao trono da Itália, [Vítor Emanuel de Saboia](#) (n. 12.02.1937 – † 03.02.2024), o quinto descendente do primeiro rei da Itália, Vítor Emanuel II de Saboia. Ele foi sepultado na cripta da Basílica de Superga, em Turim, onde se encontram dezenas de outros restos mortais da Casa de Saboia. Esse evento nos faz lembrar outros sonhos de Dom Bosco que se tornaram realidade.

Em novembro de 1854, estava sendo preparada uma lei sobre o confisco das propriedades eclesiásticas e a supressão dos conventos. Para ser válida, ela precisava ser sancionada pelo rei da Itália, Vítor Emanuel II de Saboia. No final daquele mês de novembro, Dom Bosco teve dois sonhos que se tornaram realidade como profecias a respeito do rei e de sua família. Vamos relembrar os fatos com o P. Lemoyne.

Dom Bosco, então, desejava dissipar uma nuvem ameaçadora que escurecia cada vez mais a Casa Real.

Ele teve um sonho numa noite, no final de novembro. Parecia-lhe estar no pórtico central do Oratório, construído então apenas pela metade, perto da bomba hidráulica fixada na parede da casa Pinardi. Estava rodeado por padres e clérigos: de repente, viu um servente da corte, avançando no meio do pátio, com seu uniforme vermelho, com um passo apressado em sua direção, e parecia-lhe gritar:

– Grande notícia!

Dom Bosco perguntou:

– E qual é?

– Anuncie: **Grande funeral na Corte! Grande funeral na Corte!**

Dom Bosco, a essa inesperada aparição, a esse grito, ficou petrificado, e o servente repetiu:

– “Grande funeral na Corte!” – Dom Bosco queria então pedir-lhe uma explicação de seu anúncio fúnebre, mas ele tinha desaparecido. Dom Bosco, ao acordar, como estivesse fora de si, mas compreendendo o mistério daquela aparição, pegou a caneta e preparou imediatamente uma carta para Vítor Emanuel, revelando o que havia sido anunciado, e simplesmente contando o sonho.

[...]

... era saber o que Dom Bosco escreveu ao rei, especialmente porque sabiam o que ele estava pensando quanto à usurpação dos bens eclesiásticos. Dom Bosco não os deixou na dúvida e comentou o que escreveu ao rei, para que não permitisse a apresentação da nefasta lei. Em seguida contou o sonho, concluindo: “Esse sonho deixou-me mal e cansado”. Ele estava pensativo e exclamava de quando em quando: “Quem sabe?... Quem sabe?... Rezemos!”

Surpresos, os clérigos começaram a conversar, perguntando-se caso alguém tinha ouvido que no palácio real havia algum nobre doente. Mas todos eles concluíram não saber de nada. Dom Bosco, no entanto, tendo chamado o Clérigo Ângelo Sávio, entregou-lhe uma carta e disse-lhe: – “Copia, e anuncia ao Rei: Grande funeral na Corte!” E o Clérigo Sávio escreveu. Mas o Rei, como Dom Bosco ficou sabendo por meio de seus confidentes empregados no palácio, leu a carta com indiferença e não a levou em consideração.

Cinco dias depois daquele sonho, Dom Bosco, dormindo, à noite, sonhou novamente. Pareceu-lhe estar à mesa de seu quarto, escrevendo, quando ouviu o patear de um cavalo no pátio. De repente, vê escancarar-se a porta e aparecer o servente com sua roupa vermelha, e chegando na metade da sala, gritou:

“Anuncia: **não um grande funeral na Corte, mas grandes funerais na Corte!**” E repetiu essas palavras duas vezes. Então retirou-

se com passos rápidos e fechou a porta atrás dele. Dom Bosco quis saber, quis interrogá-lo e pedir-lhe explicações. Logo levantou-se da mesa, correu para a sacada e viu o servente no pátio montado no cavalo. Chamou-o, perguntou-lhe por que ele tinha vindo para repetir-lhe aquele anúncio. Mas o servente gritou: “Grandes funerais na Corte!” E desapareceu. Quando amanheceu, o próprio Dom Bosco dirigiu ao Rei outra carta, em que contou o segundo sonho e concluiu dizendo a Sua Majestade “que pensasse em organizar-se a fim de evitar os castigos ameaçados, enquanto implorava-lhe que evitasse aquela lei a qualquer custo.

À noite, depois do jantar, Dom Bosco falou no meio de seus clérigos: “Sabem que tenho uma coisa ainda mais estranha para contar-lhes além daquela do outro dia?” – E contou o que viu à noite. Então os clérigos, mais surpresos que antes, perguntavam-se o que esses anúncios de morte indicariam. E pode-se imaginar a ansiedade deles na espera de se verificarem essas previsões.

Para o Clérigo Cagliero e alguns outros, revelou abertamente serem aquelas ameaças de castigo que o Senhor fez a quem mais danos e males causou à Igreja e outros estavam sendo preparados. Naqueles dias, permaneceu triste e repetindo frequentemente: “Essa lei atrairá sérias desgraças à Casa do Soberano”. Dizia essas coisas a seus alunos para estimulá-los a rezar pelo rei e para interceder pela misericórdia do Senhor para que evitasse a dispersão de tantos religiosos e a perda de tantas vocações.

Enquanto isso, o Rei confiou essas cartas ao Marquês Fassati, que, depois de lê-las, voltou ao Oratório e disse a Dom Bosco: “Oh! O senhor acha que essa é a maneira de colocar de cabeça para baixo toda a Corte? O rei ficou mais do que impressionado e perturbado! ... Aliás, se enfureceu.”

E Dom Bosco respondeu-lhe: – “Mas se o que foi escrito for verdade? Lamento ter causado esses transtornos para o meu Soberano. Mas, enfim, trata-se do seu bem e da Igreja.”

Os avisos de Dom Bosco não foram ouvidos. Em 28 de novembro de 1854, o Ministro chanceler, Urbano Rattazzi, apresentou aos

deputados um projeto de lei para a supressão dos conventos. O Conde Camillo di Cavour, Ministro das Finanças, estava determinado a aprová-lo a qualquer custo. Esses senhores estabeleceram como princípio indiscutível e inquestionável que, fora do grande corpo civil, não haveria e não poderia haver uma sociedade superior a ele e independente dele. O estado é tudo e, portanto, nenhuma entidade moral, nem mesmo a Igreja Católica, pode subsistir juridicamente sem o consentimento e o reconhecimento da autoridade civil. Portanto, tal autoridade, não reconhecendo na Igreja Universal o domínio dos bens eclesiásticos, e atribuindo esse domínio a cada grupo das corporações religiosas, apoiaria serem estas criação de soberania cível e que sua existência seria modificada ou extinta pela vontade da mesma soberania, e o Estado, herdeiro de toda personalidade civil que não tem sucessão, tornar-se-ia único e absoluto proprietário de todos os seus bens, assim que fossem suprimidas. Erro grosseiro, porque tais patrimônios, caso uma Congregação Religiosa deixasse de existir, não ficariam sem proprietário, e deveriam ser devolvidos à Igreja de Jesus Cristo, representada pelo Sumo Pontífice, por mais que os exaltados do Estado persistissem em negá-lo. (MB V, 176-180 – MBp V, 161-164).

O fato de que essas advertências vinham do céu também é confirmado por uma carta escrita quatro anos antes, em 9 de abril de 1850, que a mãe do rei, a rainha-mãe Maria Teresa, viúva de Carlos Alberto, havia endereçado a seu filho, o rei Vítor Emanuel II de Saboia.

Deus te recompensará, te abençoará, mas quem sabe quantos castigos, quantos flagelos Deus trará sobre ti, tua família e teu país se sancionares [a lei Siccardi sobre a abolição do foro eclesiástico]. Pensa qual seria a tua dor se o Senhor deixasse gravemente doente ou mesmo se levasse a tua querida Adelaide, a quem tu, com santa razão, tanto amas, ou a tua Chichina (Clotilde) ou o teu Beto (Umberto). E se pudesses ver dentro do meu coração o quanto estou aflita, angustiada e

assustada pelo medo de que sanciones essa lei por causa das muitas desgraças que, tenho certeza, ela nos trará se for feita sem a permissão do Santo Padre. Talvez o teu coração, que é realmente bom e sensível, e que sempre amaste tanto a tua pobre Mãezinha, se deixaria enternecer. (Antonio Monti, Nuova Antologia, 1º de janeiro de 1936, p. 65; MB XVII, 898).

Mas o rei não deu importância a esses avisos e as consequências não demoraram a chegar. As negociações para a aprovação continuaram e as profecias também se cumpriram:

– em 12 de janeiro de 1855, Maria Teresa, a Rainha Mãe, morreu aos 53 anos de idade;

– em 20 de janeiro de 1855, a Rainha Maria Adelaide faleceu, aos 33 anos;

– em 11 de fevereiro de 1855, o príncipe Ferdinando, irmão do rei, morreu aos 32 anos de idade;

– em 17 de maio de 1855, o filho do rei, o príncipe Vítor Emanuel Leopoldo Maria Eugênio, morreu com apenas 4 meses de idade.

Dom Bosco continuou a advertir, publicando a carta de fundação de Altacomba (Hautecombe) com uma exposição de todas as maldições infligidas àqueles que ousassem destruir ou usurpar os bens da Abadia de Altacomba, inseridas naquele documento pelos antigos duques de Saboia para proteger esse lugar, onde estão sepultados dezenas de ilustres antepassados da Casa de Saboia.

E também continuou publicando, em abril de 1855, nas “Letture Cattoliche” (Leituras Católicas), um panfleto escrito pelo Barão Nilinse intitulado: *Os bens da Igreja, como são roubados e quais são as consequências; com breve apêndice sobre os fatos do Piemonte*. No frontispício estava escrito: *Como?! Ninguém pode violar a casa de uma pessoa particular, e tu tens a audácia de colocar a mão sobre a casa do Senhor! Santo Ambrósio*. Nesse escrito, foi mostrado que não apenas os espoliadores da Igreja e das Ordens Religiosas, mas até mesmo suas famílias eram quase sempre afetadas, cumprindo assim o

terrível ditado: ***A família de quem rouba de Deus não chega à quarta geração!*** (MB V, 233-234).

No dia 29 de maio, Vítor Emanuel II assinou a lei Rattazzi, que confiscava as propriedades eclesiásticas e suprimia as corporações religiosas, sem levar em conta o que Dom Bosco havia previsto e o luto que havia atingido sua família desde janeiro... sem saber que ele também estava assinando o destino da família real.

De fato, também aqui a profecia se tornou realidade, como vemos.

– O Rei [Vítor Emanuel II de Saboia](#) (nascido em 14.03.1820 – † 09.01.1878), reinou de 17.03.1861 a 09.01.1878, morreu com **apenas** 58 anos de idade;

– O Rei [Umberto I](#) (n. 14.03.1844 – † 29.07.1900), **filho** do rei Vítor Emanuel II de Saboia, reinou de 10.01.1878 a 29.07.1900, foi **morto** em Monza aos 56 anos de idade;

– O Rei [Vítor Emmanuel III](#) (n. 11.11.1869 – † 28.12.1947), **neto** do rei Vítor Emmanuel II de Saboia, reinou de 30.07.1900 a 09.05.1946, foi **forçado a abdicar** em 9 de maio de 1946 e morreu um ano depois;

– O Rei [Umberto II](#) (n. 15.09.1904 – † 18.03.1983), o último rei da Itália, reinou de 10.05.1946 a 18.06.1946, **bisneto** de Vítor Emanuel II (**a quarta geração**), foi **forçado a abdicar** depois de apenas 35 dias de seu reinado, após o referendo institucional de 2 de junho do mesmo ano. Ele morreu em 18 de março de 1983, em Genebra, e foi sepultado na Abadia de Altacomba...

Alguns interpretam esses acontecimentos como meras coincidências, porque não podem negar os fatos; mas aqueles que conhecem a ação de Deus sabem que, em sua misericórdia, ele sempre adverte, de uma forma ou de outra, sobre as graves consequências que certas decisões de grande importância, que afetam o destino do mundo e da Igreja, podem ter.

Lembremos apenas o fim da vida do homem mais sábio da Terra, o rei Salomão.

Quando Salomão ficou velho, suas mulheres desviaram-lhe o coração para outros deuses; seu coração já não pertencia integralmente ao Senhor, seu Deus, como o do seu pai Davi. Salomão prestou culto a Astarte, deusa dos sidônios, e a Melcom, ídolo dos amonitas.

Ele fez o que desagrada ao Senhor e não lhe foi inteiramente fiel como seu pai Davi.

Foi assim que Salomão construiu um santuário para Camos, ídolo de Moab, no monte que está defronte de Jerusalém, e para Melcom, ídolo dos amonitas.

Fez o mesmo para todas as suas mulheres estrangeiras, as quais queimavam incenso e ofereciam sacrifícios a seus deuses.

*Então, o Senhor irritou-se contra Salomão, porque seu coração se tinha desviado do Senhor, Deus de Israel, embora **este lhe havia aparecido duas vezes, proibindo-lhe expressamente seguir a outros deuses – mas ele não observou a ordem do Senhor.***

O Senhor disse, pois, a Salomão: “Já que procedeste assim e não guardaste a minha aliança, nem as Leis que te prescrevi, vou tirar de ti o reino e dá-lo a um de teus servos. (1Rs 11,4-11).

Basta ler a história com atenção, tanto a sagrada quanto a profana...

0 sonho dos 9 anos. Gênese de uma vocação

O sonho do menino de 9 anos apresentado em dez pontos, síntese de uma vocação celestial, confirmada pelos frutos que produziu, apresentado na 42ª Jornada de Espiritualidade Salesiana em Valdocco, Turim.

Há duzentos anos, um menino de nove anos, pobre e sem outro futuro que não fosse o de ser agricultor, teve um sonho. Ele o contou pela manhã para sua mãe, avó e irmãos, que riram dele. A avó concluiu: “Não dê atenção aos sonhos”. Muitos anos depois, aquele menino, João Bosco, escreveu: “Eu era da opinião de minha avó, mas nunca consegui tirar aquele sonho da cabeça”. Porque não era apenas mais um sonho e ele não morreu ao amanhecer.

Primeiro: é uma ordem imperiosa

O P. Lemoyne, o primeiro historiador de Dom Bosco, resume o sonho da seguinte forma: “Pareceu-lhe ver o Divino Salvador vestido de branco, radiante com a mais esplêndida luz, no ato de conduzir uma multidão inumerável de jovens. Virando-se para ele, disse: ‘Venha cá: coloque-se à frente desses jovens e conduza-os você mesmo’. – Mas eu não sou capaz, respondeu João. O Divino Salvador insistiu imperiosamente até que João se colocou à frente daquela multidão de rapazes e começou a liderá-los de acordo com a ordem que lhe havia sido dada. Como o “Segue-me” de Jesus.

Segundo: é o segredo da alegria

Esse sonho se repetiu várias vezes. Com uma carga de energia avassaladora. Era uma fonte de segurança alegre e força inesgotável para João Bosco. A fonte de sua vida.

No processo diocesano para a causa de beatificação de Dom Bosco, o P. Rua, seu primeiro sucessor, testemunhou: “Lúcia Turco, membro de uma família onde Dom Bosco costumava entreter-se frequentemente com os irmãos dela, me contou que numa manhã eles o viram chegar mais alegre do que de costume. Perguntado sobre a causa, ele respondeu que durante a noite tivera um sonho que o animara”.

Terceiro: a resposta

A pergunta para todos é: “Você quer uma vida comum ou quer mudar o mundo?”

Viktor Frankl enfatiza a diferença entre “*sentido da vida*” e “*sentido na vida*”. O sentido da vida está associado a

perguntas como: *Por que estou aqui? Qual é o significado de tudo isso? Qual é o sentido da vida?* Muitas pessoas procuram as respostas na religião ou em uma missão nobre para o bem maior, como combater a pobreza ou acabar com o aquecimento global. Muitas vezes, é difícil encontrar o sentido da vida; a luta para compreender esse conceito pode ser exaustiva, especialmente em momentos de dificuldade, quando lutamos até mesmo para chegar ao fim do dia. Por outro lado, é muito mais fácil encontrar significado na vida: nas coisas comuns que fazemos por hábito, no momento presente, nas atividades cotidianas em casa ou no trabalho. É exatamente o significado na vida que é o meio preferido para experimentar o bem-estar espiritual.

Quarto: um sinal do Alto

No seminário, Dom Bosco escreveu uma página de admirável humildade como motivação para a sua vocação: “O sonho de Morialdo sempre me impressionou; na verdade, ele se renovou muito mais claramente em outras ocasiões”. Podemos ter certeza: ele tinha reconhecido o Senhor e sua Mãe. Apesar de sua modéstia, ele não duvidava de forma alguma de que havia sido visitado pelo Céu. Tampouco duvidava de que essas visitas tinham a finalidade de revelar-lhe seu futuro e o da sua obra. Ele mesmo o disse: “A Congregação Salesiana não deu um passo sem que um fato sobrenatural o aconselhasse. Ela não chegou ao ponto de desenvolvimento em que se encontra sem uma ordem especial do Senhor”.

Quinto: assistência contínua

“Soube então por meio de outros que ele perguntou: – Como vou cuidar de tantas ovelhas? E de tantos cordeiros? Onde encontrarei pastagens para mantê-los? A Senhora lhe respondeu: – Não tema, eu o ajudarei. E depois desapareceu”.

Sexto: uma Mestra

Uma mãe.

Sétimo: uma missão

“Aqui está o teu campo, aqui é onde deves trabalhar”, continuou a Senhora. “Torna-te humilde, forte, robusto: e o que vês acontecendo com esses animais neste momento, tu deves fazer por meus filhos”.

Oitavo: um método

“Não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade, deves conquistar esses teus amigos”.

Nono: os destinatários

“Quando olhei, vi que todas aquelas crianças haviam fugido e, em seu lugar, vi uma multidão de cabritos, cachorros, gatos, ursos e vários outros animais”.

Décimo: uma Obra

“Abatido pelo cansaço, eu queria me sentar à beira de uma estrada próxima, mas a pastorinha me convidou a continuar meu caminho. Depois de um curto percurso, encontrei-me em um vasto pátio com um pórtico ao redor, no final do qual havia uma igreja. Então percebi que quatro quintos daqueles animais haviam se tornado cordeiros. Seu número se tornou então muito grande. Naquele momento, vários pastores chegaram para cuidar deles. Mas eles se detinham um pouco e logo iam embora. Então aconteceu uma maravilha. Muitos cordeiros se transformavam em pastores e, à medida que cresciam, cuidavam dos outros. Eu queria ir embora, mas a pastorinha me convidou para dar uma olhada para o sul. “Olhe de novo”, disse ela, e eu olhei novamente. Então vi uma igreja linda e alta. Na parte interna da igreja havia uma faixa branca, na qual estava escrito em letras garrafais: *Hic domus mea, inde gloria mea* [Aqui é minha casa; daqui sairá a minha glória].

É por isso que, quando entramos na Basílica de Maria Auxiliadora, entramos no sonho de Dom Bosco.

O testamento de Dom Bosco

O próprio Papa pediu a Dom Bosco que escrevesse o sonho para seus filhos. Ele começou assim: “Para que servirá então este trabalho? Servirá como norma para superar as dificuldades

futuras, tirando uma lição do passado; servirá para dar a conhecer como o próprio Deus guiou tudo em todos os tempos; servirá aos meus filhos como um agradável divertimento, quando puderem ler as coisas em que seu pai participou, e as lerão com muito mais boa vontade quando, chamado por Deus a prestar contas de minhas ações, eu não estiver mais entre eles”.

É por isso que as Constituições Salesianas começam com um “ato de fé”: “Com sentimento de humilde gratidão, cremos que a Sociedade de São Francisco de Sales não nasceu apenas de projeto humano, mas por iniciativa de Deus”.

0 sonho de nove anos de Dom Bosco. Núcleos teológico-espirituais

Um comentário sobre os temas teológico-espirituais presentes no sonho dos nove anos poderia ter desdobramentos tão amplos que incluiria um tratado completo da “salesianidade”. Lido, de fato, a partir de sua história dos efeitos, o sonho abre inúmeros caminhos para aprofundar os traços pedagógicos e apostólicos que caracterizaram a vida de São João Bosco e a experiência carismática que dele se originou. Optamos por nos concentrar em cinco caminhos de reflexão espiritual que dizem respeito, respectivamente, (1) à missão oratoriana, (2) ao chamado ao impossível, (3) ao mistério do Nome, (4) à mediação materna e, finalmente, (5) ao poder da mansidão.

1. A missão oratoriana

0 sonho de nove anos está repleto de meninos. Eles estão presentes desde a primeira cena até a última e são os

beneficiários de tudo o que acontece. Sua presença é caracterizada pela alegria e pela brincadeira, típicas de sua idade, mas também pela desordem e pelo comportamento negativo. As crianças não são, portanto, no sonho de nove anos, a imagem romântica de uma idade encantada, intocada pelos males do mundo, nem correspondem ao mito pós-moderno da condição da juventude como uma época de ação espontânea e disposição perene para mudanças, que deve ser preservada em uma adolescência eterna. Os meninos do sonho são extraordinariamente “reais”, tanto quando aparecem com sua fisionomia como quando são representados simbolicamente na forma de animais. Eles brincam e brigam, divertem-se rindo e se arruínam dizendo palavrões, exatamente como fazem na realidade. Eles não parecem ser inocentes, como uma pedagogia espontaneísta os imagina, nem capazes de ensinar a si mesmos, como Rousseau pensava sobre eles. Desde o momento em que aparecem, em um “pátio muito espaçoso”, que pressagia os grandes pátios dos futuros oratórios salesianos, eles *invocam a presença e a ação de alguém*. O gesto impulsivo do sonhador, porém, não é a intervenção correta; é necessária a presença de um Outro.

Entrelaçada à visão das crianças está a aparição da figura de Cristo, como agora podemos chamá-lo abertamente. Aquele que disse no Evangelho: “Deixai vir a mim as crianças” (Mc 10,14), vem indicar ao sonhador a atitude com a qual as crianças devem ser abordadas e acompanhadas. Ele aparece majestoso, viril, forte, com traços que destacam claramente seu caráter divino e transcendente; seu modo de agir é marcado pela confiança e pelo poder e manifesta um senhorio total sobre as coisas que acontecem. O senhor venerável, no entanto, não instila medo, mas traz paz onde antes havia confusão e agitação; ele manifesta compreensão benevolente para com João e o direciona para um caminho de mansidão e caridade.

A *reciprocidade* entre essas figuras – os meninos, de um lado, e o Senhor (mais tarde acompanhado pela Mãe), de outro – define os contornos do sonho. As emoções que João sente na experiência do sonho, as perguntas que ele faz, a

tarefa que ele é chamado a realizar, o futuro que se abre diante dele estão totalmente ligados à dialética entre esses dois polos. Talvez a mensagem mais importante que o sonho transmite a ele, aquela que ele provavelmente entendeu primeiro porque ficou presa em sua imaginação, mesmo antes de entendê-la de forma reflexiva, é que essas figuras se referem umas às outras e que ele *não poderá mais dissociá-las pelo resto da vida*. O encontro entre a vulnerabilidade do jovem e o poder do Senhor, entre sua necessidade de salvação e sua oferta de graça, entre seu desejo de alegria e sua dádiva de vida deve agora se tornar o centro de seus pensamentos, o espaço de sua identidade. A partitura de sua vida será toda escrita na tonalidade que esse tema gerador lhe dá: modulá-la em todo o seu potencial harmônico será sua missão, na qual ele deve derramar todos os seus dons de natureza e graça.

O dinamismo da vida de João aparece, portanto, na visão do sonho como um movimento contínuo, uma espécie de ir e vir espiritual, entre os meninos e o Senhor. Do grupo de meninos em cujo meio ele se lançou impetuosamente, João deve se permitir ser atraído pelo Senhor que o chama pelo nome e, em seguida, afastar-se d'Aquele que o envia e ir liderar seus companheiros de uma maneira muito diferente. Mesmo que ele receba socos tão fortes dos meninos em seus sonhos que ainda sinta a dor deles quando acorda, e que ouça as palavras do Senhor venerável que o deixam sem palavras, seu ir e vir não é uma agitação inconclusiva, mas um caminho que gradualmente o transforma e traz aos jovens uma energia de vida e amor.

O fato de tudo isso acontecer em um *pátio* é altamente significativo e tem um claro valor proléptico, já que o pátio oratoriano se tornará o lugar privilegiado e o símbolo exemplar da missão de Dom Bosco. Toda a cena se passa nesse ambiente, ao mesmo tempo vasto (pátio muito espaçoso) e familiar (perto de casa). O fato de a visão vocacional não ter como pano de fundo um lugar sagrado ou um espaço celestial, mas o ambiente em que os meninos vivem e brincam, indica claramente que *a iniciativa divina assume o mundo deles como o*

lugar do encontro. A missão confiada a João, mesmo que seja claramente direcionada em um sentido catequético e religioso (“para instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude”), tem como *habitat* o universo da educação. A associação da figura cristológica com o espaço do pátio e a dinâmica da brincadeira, que um menino de nove anos certamente não pode ter “construído”, constitui uma transgressão do imaginário religioso mais comum, cuja força inspiradora é igual à profundidade de seu mistério. De fato, ela sintetiza em si toda a dinâmica do mistério da encarnação, por meio da qual o Filho assume nossa forma para nos oferecer a Sua, e destaca como não há nada humano que deva ser sacrificado para dar lugar a Deus.

O pátio fala, portanto, da *proximidade da graça divina ao “sentimento” dos jovens*: para acolhê-la não é preciso sair da própria idade, negligenciar suas necessidades, forçar seus ritmos. Quando Dom Bosco, já adulto, escrevia no *Jovem Instruído* que um dos truques do diabo é fazer com que os jovens pensem que a santidade é incompatível com o seu desejo de alegria e com o frescor exuberante da sua vitalidade, ele estava apenas devolvendo em forma madura a lição intuída no seu sonho e que depois se tornou um elemento central do seu magistério espiritual. Ao mesmo tempo, o pátio fala da necessidade de *entender a educação a partir de seu núcleo mais profundo*, que diz respeito à atitude do coração em relação a Deus. Ali, ensina o sonho, não está apenas o espaço de uma abertura original à graça, mas também o abismo da resistência, no qual se escondem a fealdade do mal e a violência do pecado. É por isso que o horizonte educacional do sonho é francamente religioso, e não apenas filantrópico, e encena o simbolismo da conversão, e não apenas o do autodesenvolvimento.

No pátio do sonho, cheio de crianças e habitado pelo Senhor, é revelado a João o que será a futura dinâmica pedagógica e espiritual dos pátios oratorianos. Gostaríamos ainda de enfatizar dois traços, claramente evocados nas ações realizadas no sonho, primeiro pelas crianças e depois pelos cordeiros mansos.

A primeira característica é encontrada no fato de que os meninos “deixando de brigar, de gritar e de blasfemar, reuniram-se todos em torno daquele que falava”. Esse tema do “*reunir-se*” é uma das matrizes teológicas e pedagógicas mais importantes da visão educacional de Dom Bosco. Em uma famosa página escrita em 1854, a *Introdução ao Plano de Regulamento do Oratório Masculino de São Francisco de Sales em Turim, na região de Valdocco*, ele apresenta a natureza eclesial e o sentido teológico da instituição oratoriana citando as palavras do evangelista João: “*Ut filios Dei, qui erant dispersi, congregaret in unum*” [para reunir os filhos de Deus dispersos] (Jo 11,52). A atividade do Oratório é, portanto, colocada sob o signo da reunião escatológica dos filhos de Deus, que constituiu o centro da missão do Filho de Deus:

As palavras do santo Evangelho que nos revelam que o divino Salvador veio do céu à terra para reunir todos os filhos de Deus, dispersos nas várias partes da terra, parecem-me se aplicar literalmente aos jovens de nossos dias.

A juventude, “essa porção mais delicada e preciosa da sociedade humana”, muitas vezes se encontra dispersa e desgarrada devido ao desinteresse educacional dos pais ou à influência de maus companheiros. A primeira coisa a ser feita para proporcionar a educação desses jovens é justamente “reuni-los, deixá-los falar, moralizá-los”. Nessas palavras da *Introdução ao Plano de Regulamento*, o eco do sonho, amadurecido na consciência do educador já adulto, está presente de forma clara e reconhecível. O oratório é apresentado ali como uma alegre “reunião” de jovens em torno da única força tranquilizadora capaz de salvá-los e transformá-los, a do Senhor: “Esses oratórios são certas reuniões nas quais os jovens são mantidos em uma recreação agradável e honesta, depois de terem participado das funções sagradas da igreja”. Desde a infância, de fato, Dom Bosco compreendeu que “essa era a missão do filho de Deus; isso é o que só sua santa religião só pode fazer”.

O segundo elemento que se tornará um traço identificador da espiritualidade oratoriana é aquele que no sonho se revela através da imagem dos cordeiros correndo “para fazer festa àquele homem e àquela senhora”. A *pedagogia da festa* será uma dimensão fundamental do sistema preventivo de Dom Bosco, que verá nas numerosas festas religiosas do ano a oportunidade de oferecer aos meninos a chance de respirar profundamente a alegria da fé. Dom Bosco saberá envolver com entusiasmo a comunidade juvenil do Oratório na preparação de eventos, peças teatrais, recepções que proporcionariam uma distração a respeito do trabalho enfadonho do dia a dia, para valorizar os talentos dos meninos para a música, a representação, a ginástica, para dirigir a imaginação deles na direção de uma criatividade positiva. Se levarmos em conta que a educação proposta nos círculos religiosos do século XIX geralmente tinha um teor bastante austero, que parecia apresentar o ideal pedagógico a ser alcançado como o da compostura devota, a saudável alegria festiva do oratório se destaca como uma expressão de um humanismo aberto para compreender as necessidades psicológicas do menino e capaz de satisfazer seu protagonismo. A alegria festiva que se segue à metamorfose dos animais do sonho é, portanto, o que a pedagogia salesiana deve buscar.

2. O chamado ao impossível

Enquanto para os meninos o sonho termina em comemoração, para João termina em desânimo e até em lágrimas. Esse é um resultado que não pode deixar de ser surpreendente. É comum pensar, de fato, com alguma simplificação, que as visitas de Deus são exclusivamente portadoras de alegria e consolo. É paradoxal, portanto, que para um apóstolo da alegria, para aquele que, como seminarista, fundará a “sociedade da alegria” e que, como sacerdote, ensinará a seus filhos que a santidade consiste em “ser muito alegre”, a cena vocacional termine em choro.

Isso certamente pode indicar que a alegria de que se fala não é puro lazer e simples despreocupação, mas uma

ressonância interior da beleza da graça. Como tal, ela só pode ser alcançada por meio de exigentes batalhas espirituais, cujo preço Dom Bosco terá de pagar em grande parte para o benefício de seus meninos. Assim, ele reviverá em si mesmo aquela troca de papéis que se enraíza no mistério pascal de Jesus e que se prolonga na condição dos apóstolos: “nós, insensatos por causa de Cristo, vós, sábios em Cristo; nós, fracos, vós, fortes; vós, honrados, nós, desprezados” (1Cor 4,10), mas, ao mesmo tempo, “colaboradores da vossa alegria” (2Cor 1,24).

O tumulto com o qual o sonho se encerra, porém, lembra sobretudo a vertigem que os grandes personagens bíblicos sentem diante da vocação divina que se manifesta em suas vidas, direcionando-as para um rumo totalmente imprevisível e desconcertante. O Evangelho de Lucas afirma que até mesmo Maria, diante das palavras do anjo, teve uma sensação de profunda agitação interior (“diante dessas palavras, ela ficou muito perturbada” – Lc 1,29). Isaías havia se sentido perdido diante da manifestação da santidade de Deus no templo (Is 6). Amós havia comparado ao rugido de um leão (Am 3,8) o poder da Palavra divina pela qual ele havia sido tomado, enquanto Paulo experimentaria na estrada para Damasco a reviravolta existencial que vem do encontro com o Ressuscitado. Embora testemunhando o fascínio de um encontro com Deus que seduz para sempre, no momento do chamado, os homens bíblicos parecem mais hesitar temerosos diante de algo que os ultrapassa do que se lançar de cabeça na aventura da missão.

A perturbação que João experimenta no sonho parece ser uma experiência semelhante. Ela se origina da natureza paradoxal da missão que lhe foi designada, que ele não hesita em descrever como “impossível” (“Quem é o Senhor que me ordena o que é impossível?”). O adjetivo pode parecer “exagerado”, como às vezes são as reações das crianças, especialmente quando expressam um sentimento de inadequação diante de uma tarefa desafiadora. Mas esse elemento da psicologia infantil não parece ser suficiente para iluminar o conteúdo do diálogo do sonho e a profundidade da experiência espiritual que ele

comunica. Tanto mais que João tem uma verdadeira qualidade de *liderança* e uma excelente memória, o que lhe permitirá, nos meses seguintes ao sonho, começar imediatamente a fazer um pouco de oratório, entretendo seus amigos com jogos de acrobacia e repetindo o sermão do pároco para eles na íntegra. Por essa razão, nas palavras com as quais ele declara sem rodeios que é “incapaz de falar sobre religião” com seus companheiros, é bom ouvir o eco distante da objeção de Jeremias à vocação divina: “Não sei falar, porque sou jovem” (*Jr 1,6*).

Não é no nível das aptidões naturais que a demanda pelo impossível se desenrola aqui, mas sim no nível do que pode ser incluído no horizonte do real, do que pode ser esperado com base na própria imagem do mundo, do que está dentro dos limites da experiência. *Além dessa fronteira*, abre-se a *região do impossível*, que é, no entanto, biblicamente, o *espaço da ação de Deus*. É “impossível” para Abraão ter um filho de uma mulher estéril e idosa como Sara; “impossível” para a Virgem conceber e dar ao mundo o Filho de Deus feito homem; aos discípulos parece que a salvação é “impossível”, se é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. No entanto, ouve-se Abraão responder: “Existe alguma coisa impossível para o Senhor?” (*Gn 18,14*); o anjo diz a Maria que “para Deus nada é impossível” (*Lc 1,37*); e Jesus responde aos discípulos incrédulos que “o que é impossível aos homens é possível a Deus” (*Lc 18,27*).

O lugar supremo em que surge a questão teológica do impossível, porém, é o momento decisivo da história da salvação, ou seja, o drama pascal, no qual a fronteira do impossível a ser superada é o próprio abismo tenebroso do mal e da morte. É nesse *espaço gerado pela ressurreição* que o impossível se torna realidade efetiva, é nele que o venerável homem do sonho, resplandecente de luz pascal, pede a João que torne possível o impossível. E ele o faz com uma fórmula surpreendente: “Como essas coisas te parecem impossíveis, tu deves torná-las possíveis pela obediência”. Isso soa como as palavras com as quais os pais pedem aos filhos, quando eles

estão relutantes, que façam algo que não se sentem capazes de fazer ou que não têm vontade de fazer.

“Obedece e verás que serás bem-sucedido”, dizem a mãe ou o pai: a psicologia do mundo infantil é perfeitamente respeitada. Mas elas são também, e muito mais, as palavras com as quais o Filho revela *o segredo do impossível, um segredo que está todo escondido em sua obediência*. O venerável homem que manda uma coisa impossível sabe, por meio de sua experiência humana, que a impossibilidade é o lugar onde o Pai trabalha com seu Espírito, desde que abra a porta para ele com sua obediência.

João, é claro, permanece perturbado e atônito, mas essa é a atitude que o homem experimenta quando se depara com o impossível pascal, quando se depara com o milagre dos milagres, do qual todos os outros eventos salvíficos são sinais. Portanto, não é de surpreender que, no sonho, a dialética do possível-impossível esteja entrelaçada com a outra dialética, a da clareza e da obscuridade. Ela caracteriza, em primeiro lugar, a própria imagem do Senhor, cujo rosto é tão brilhante que João não consegue fitá-lo. Nessa face brilha, de fato, uma luz divina que, paradoxalmente, produz escuridão. Depois, há as palavras do homem e da mulher que, embora expliquem claramente o que João deve fazer, ainda assim o deixam confuso e assustado. Por fim, há uma ilustração simbólica, por meio da metamorfose de animais, que, no entanto, leva a uma incompreensão ainda maior. João só pode pedir mais esclarecimentos: “Eu implorei àquele homem que falasse de modo que eu pudesse entender, pois eu não sabia o que queria dizer”. Mas a resposta que ele recebe da mulher de aparência majestosa adia ainda mais o momento da compreensão: “No devido tempo tudo compreenderás”.

Isso certamente significa que somente por meio da execução do que já é apreensível do sonho, ou seja, por meio da possível obediência, o espaço para esclarecer sua mensagem será aberto mais amplamente. De fato, ele não consiste simplesmente em uma ideia a ser explicada, mas em uma palavra performativa, uma locução eficaz, que justamente ao realizar

seu poder operativo manifesta seu significado mais profundo.

3. O mistério do Nome

Tendo chegado a esse ponto de reflexão, estamos mais aptos a interpretar melhor outro elemento importante da experiência do sonho. É o fato de que no centro da dupla tensão entre possível e impossível e entre conhecido e desconhecido, e também, materialmente, no centro da narrativa do sonho, está o tema do misterioso Nome do homem venerável. O denso diálogo da seção III é, de fato, entrelaçado com perguntas que reiteram o mesmo tema: “Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?”; “Quem sois vós que falais dessa maneira?”; e, finalmente: “Minha mãe me diz para não me associar com os que não conheço, sem a permissão dela; portanto, dizei-me o vosso nome”. O Senhor venerável diz a João para perguntar o nome à sua mãe, mas, na verdade, ela não lhe dirá. Ele permanece envolto em mistério até o fim.

Já mencionamos, na parte dedicada à reconstrução do contexto bíblico do sonho, que o tema do Nome está intimamente relacionado ao episódio da vocação de Moisés na sarça ardente (*Ex 3*). Essa página constitui um dos textos centrais da revelação do Antigo Testamento e estabelece as bases para todo o pensamento religioso de Israel. André LaCoque propôs chamá-la de “revelação das revelações”, porque constitui o princípio de unidade da estrutura narrativa e prescritiva que qualifica a narrativa do Êxodo, a célula-mãe de toda a Escritura.^[1] É importante notar como o texto bíblico articula em estreita unidade a condição de escravidão do povo no Egito, a vocação de Moisés e a revelação teofânica. A revelação do Nome de Deus a Moisés não se dá como a transmissão de uma informação a ser conhecida ou de um dado a ser adquirido, mas como a manifestação de uma presença pessoal, que pretende suscitar uma relação estável e gerar um processo de libertação. Nesse sentido, *a revelação do Nome divino é orientada na direção da aliança e da missão*. “O Nome é ao mesmo tempo teofânico e performativo, uma vez que aqueles que o recebem não são simplesmente introduzidos no segredo

divino, mas são os destinatários de um ato de salvação”.^[ii]

O Nome, de fato, diferentemente do conceito, não designa apenas uma essência a ser pensada, mas uma alteridade a ser referida, uma presença a ser invocada, um sujeito que se propõe como verdadeiro interlocutor da existência. Ao mesmo tempo em que implica a proclamação de uma riqueza ontológica incomparável, a do próprio Ser, que nunca pode ser adequadamente definida, o fato de Deus se revelar como um “Eu” indica que somente por meio de um relacionamento pessoal com Ele será possível acessar Sua identidade, o Mistério do Ser que Ele é. A revelação do Nome pessoal é, portanto, um ato de fala que desafia o receptor, pedindo que ele se situe em relação ao falante. Somente assim é possível compreender seu significado. Além disso, essa revelação se estabelece explicitamente como o fundamento da missão libertadora que Moisés deve cumprir: “Eu sou me enviou a vós” (Ex 3,14). Ao se apresentar como um Deus pessoal, e não como um Deus vinculado a um território, e como o Deus da promessa, e não apenas como o Senhor da repetição imutável, Javé será capaz de sustentar a jornada do povo, sua jornada rumo à liberdade. Ele tem, portanto, um Nome que se torna conhecido na medida em que suscita aliança e move a história.

“Dizei-me vosso nome”: essa pergunta de João não pode ser respondida simplesmente por uma fórmula, um nome entendido como um rótulo externo da pessoa. Para saber o nome daquele que fala no sonho, não basta receber uma informação, mas é preciso se posicionar diante de seu ato de falar. Ou seja, é necessário entrar naquele relacionamento de intimidade e entrega que os Evangelhos descrevem como uma “permanência” com Ele. É por isso que, quando os primeiros discípulos questionam Jesus sobre sua identidade – “Mestre, onde moras?” ou, literalmente, “onde ficas?” – ele responde: “Vinde e vede” (Jo 1,38s). Somente “permanecendo” com ele, habitando em seu mistério, entrando em seu relacionamento com o Pai, é que se pode realmente saber quem ele é.

O fato de o personagem do sonho não responder a

João com um nome, como nós faríamos ao apresentar o que está escrito em nossa carteira de identidade, indica que seu Nome não pode ser conhecido como uma designação puramente externa, mas só mostra sua verdade quando sela uma experiência de aliança e missão. João, portanto, conhecerá esse mesmo Nome atravessando a dialética do possível e do impossível, da clareza e da obscuridade; ele o conhecerá realizando a missão oratoriana que lhe foi confiada. Ele o conhecerá, portanto, carregando-o dentro de si, graças a uma história vivida como uma história habitada por ele. Um dia Cagliero testemunhará de Dom Bosco que o seu modo de amar era “terno, grande, forte, mas todo espiritual, puro, verdadeiramente casto”, tanto que “dava uma ideia perfeita do amor que o Salvador tinha pelas crianças” (Cagliero 1146r). Isso indica que o Nome do homem venerável, cujo rosto era tão brilhante que cegava a visão do sonhador, realmente entrou na vida de Dom Bosco como um selo. Ele teve a *experientia cordis* [experiência do coração] por meio da jornada da fé e do seguimento. Essa é a única forma pela qual a pergunta do sonho poderia ser respondida.

4. Mediação materna

Na incerteza sobre Aquele que o envia, o único ponto firme ao qual João pode se apegar no sonho é a referência a uma mãe, na verdade, a duas: a do senhor venerável e da sua própria. As respostas às suas perguntas, de fato, soam assim: “Eu sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia” e, em seguida, “meu nome pergunta-o a Minha Mãe”.

O fato de *o espaço do esclarecimento possível ser mariano e materno* é, sem dúvida, algo que merece reflexão. Maria é o lugar no qual a humanidade percebe a mais alta correspondência com a luz que vem de Deus e o espaço da criatura no qual Deus entregou ao mundo sua Palavra feita carne. Também é indicativo que, ao despertar do sonho, quem melhor entende seu significado e escopo é Margarida, a mãe de João. Em níveis diferentes, mas de acordo com uma analogia real, a Mãe do Senhor e a mãe de João representam a face

feminina da Igreja, que se mostra capaz de intuição espiritual e constitui o ventre no qual as grandes missões são gestadas e dadas à luz.

Portanto, não é de surpreender que as duas mães estejam justapostas uma à outra e exatamente no ponto em que se trata de chegar ao fundo da questão que o sonho apresenta, ou seja, o conhecimento Daquela que confia a João a missão de uma vida inteira. Assim como no pátio perto da casa, assim também com a mãe, na intuição do sonho os espaços da experiência mais familiar e cotidiana se abrem e mostram uma profundidade insondável em suas dobras. Os gestos comuns de oração, a saudação angélica que era habitual três vezes ao dia em todas as famílias, de repente aparecem pelo que são: diálogo com o Mistério. João descobre, assim, que na escola de sua mãe ele já havia estabelecido um vínculo com a majestosa Mulher, que pode lhe explicar tudo. Assim, já existe uma espécie de canal feminino que permite superar a aparente distância entre “uma criança pobre e ignorante” e o homem “nobrememente vestido”. Essa mediação feminina, mariana e materna, acompanhará João por toda a sua vida e desenvolverá nele uma disposição especial para venerar a Virgem com o título de Auxílio dos Cristãos, tornando-se seu apóstolo para seus filhos e para toda a Igreja.

A primeira ajuda que Nossa Senhora lhe oferece é a que uma criança naturalmente precisa: a de uma mestra. O que ela tem a lhe ensinar é uma disciplina que torna a pessoa verdadeiramente sábia, sem a qual “toda sabedoria se torna tolice”. Essa é a disciplina da fé, que consiste em dar crédito a Deus e obedecer mesmo diante do impossível e do obscuro. Maria a transmite como a mais alta expressão de liberdade e como a mais rica fonte de fecundidade espiritual e educacional. Levar dentro de si o impossível de Deus e caminhar na escuridão da fé é, de fato, a arte na qual a Virgem se sobressai acima de toda criatura.

Ela fez disso um árduo aprendizado em sua *peregrinatio fidei* [peregrinação da fé], marcado não raramente por escuridão e mal-entendidos. Basta pensarmos no episódio do

encontro de Jesus, aos doze anos, no Templo (Lc 2,41-50). À pergunta de sua mãe: “Filho, por que fizeste isso conosco? Eis que teu pai e eu, angustiados, estávamos te procurando”, Jesus responde de forma surpreendente: “Por que estáveis procurando por mim? Não sabíeis que eu devia cuidar das coisas de meu Pai?” E o evangelista observa: “Mas eles não entenderam o que ele lhes havia dito”. É muito menos provável que Maria tenha entendido quando sua maternidade, solenemente anunciada do alto, foi, por assim dizer, expropriada dela para que se tornasse a herança comum da comunidade dos discípulos: “Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12,50). Depois, aos pés da cruz, quando a escuridão se abateu sobre toda a terra, o “eis-me aqui” pronunciado no momento do chamado assumiu os contornos de uma renúncia extrema, de uma separação do Filho em cujo lugar deveria receber os filhos pecadores, pelos quais deixaria que seu coração fosse atravessado pela espada.

Portanto, quando a majestosa mulher do sonho começa sua tarefa como mestra e, colocando a mão na cabeça de João, diz a ele: “No devido tempo tudo compreenderás”, *ela tira essas palavras das entranhas espirituais da fé que, aos pés da cruz, fez dela a mãe de todos os discípulos.* Sob sua disciplina, João terá de permanecer por toda a vida: como jovem, como seminarista, como sacerdote. De modo especial, ele terá de permanecer ali quando sua missão assumir contornos que ele não podia imaginar no momento de seu sonho; isto é, quando ele terá de se tornar, no coração da Igreja, o fundador de famílias religiosas destinadas à juventude de todos os continentes. Então João, que agora se tornou Dom Bosco, compreenderá também o significado mais profundo do gesto com que o venerável senhor lhe deu a mãe como “mestra”.

Quando um jovem entra em uma família religiosa, encontra para acolhê-lo um mestre de noviciado, a quem é confiado para introduzi-lo no espírito da Ordem e ajudá-lo a assimilar aquele espírito. *Quando se trata de um Fundador, que deve receber do Espírito Santo a luz original do carisma, o Senhor dispõe que seja sua própria mãe, a Virgem do*

Pentecostes e modelo imaculado da Igreja, que seja a sua mestra. De fato, somente ela, a “cheia de graça”, compreende todos os carismas a partir de dentro, como uma pessoa que conhece todas as línguas e as fala como se fossem sua própria língua.

De fato, a mulher do sonho sabe como indicar a ele, de maneira precisa e apropriada, as riquezas do carisma oratoriano. Ela não acrescenta nada às palavras do Filho, mas as ilustra com a cena dos animais selvagens que se tornaram mansos cordeiros e com a indicação das qualidades que João deverá amadurecer para cumprir sua missão: “humilde, forte, robusto”. Nesses três adjetivos, que designam o vigor do espírito (humildade), do caráter (força) e do corpo (robustez), há uma grande concretude. Esse é o conselho que se daria a um jovem noviço que tem uma longa experiência no oratório e sabe o que exige o “campo” em que se deve “trabalhar”. A tradição espiritual salesiana guardou cuidadosamente as palavras desse sonho que se referem a Maria. As Constituições Salesianas fazem clara alusão a ela quando afirmam: “A Virgem Maria indicou a Dom Bosco seu campo de ação entre os jovens”,^[iii] ou recordam que “guiado por Maria, que lhe foi Mestra, Dom Bosco viveu, no encontro com os jovens do primeiro Oratório, uma experiência espiritual e educativa a que chamou de Sistema Preventivo”.^[iv]

Dom Bosco reconheceu em Maria um papel decisivo em seu sistema educativo, vendo em sua maternidade a mais alta inspiração do que significa “prevenir”. O fato de Maria ter intervindo desde o primeiro momento de sua vocação carismática, de ter desempenhado um papel tão central nesse sonho, fará com que Dom Bosco perceba para sempre que *ela pertence às raízes do carisma e que, onde esse papel inspirador não é reconhecido, o carisma não é compreendido em sua genuinidade.* Dada como Mestra a João nesse sonho, ela deve sê-lo também para todos aqueles que compartilham sua vocação e missão. Como os sucessores de Dom Bosco não se cansaram de afirmar, a “que sem o concurso materno e ininterrupto de

Maria, a Vocação Salesiana é inexplicável, no seu nascimento, no seu desenvolvimento, e sempre.”.^[v]

5. O poder da mansidão

“Não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade, deverás ganhar estes teus amigos”. Estas palavras são, sem dúvida, a expressão mais conhecida do sonho de nove anos, aquela que de alguma forma resume sua mensagem e transmite sua inspiração. São também as primeiras palavras que o venerável homem diz a João, interrompendo seus esforços violentos para pôr fim à desordem e à blasfêmia de seus companheiros. Não se trata apenas de uma fórmula que transmite uma sentença sapiencial sempre válida, mas de uma expressão que especifica o modo de execução de uma ordem (“ele me ordenou que ficasse à frente daquelas crianças acrescentando estas palavras”) com a qual, como dissemos, o movimento intencional da consciência do sonhador é redirecionado. A ânsia das pancadas deve se tornar o ímpeto da caridade; a energia decomposta de uma intervenção repressiva deve dar lugar à mansidão.

O termo “mansidão” passa a ter um peso considerável aqui, o que é ainda mais impressionante quando se considera que o adjetivo correspondente será usado no final do sonho para descrever os cordeiros que fazem festa ao redor do Senhor e de Maria. A justaposição sugere uma observação que não parece sem relevância: *para que aqueles que eram animais ferozes se tornem cordeiros “mansos”, seu educador deve, antes de tudo, tornar-se manso*. Ambos, embora de pontos de partida diferentes, devem passar por uma *metamorfose* para entrar na órbita cristológica da mansidão e da caridade. Para um grupo de meninos bagunceiros e briguentos, é fácil entender o que essa mudança exige. Para um educador, talvez isso seja menos óbvio. Ele, na verdade, já se coloca do lado da bondade, dos valores positivos, da ordem e da disciplina: que mudança pode ser exigida dele?

Surge aqui um tema que terá um desenvolvimento decisivo na vida de Dom Bosco, antes de tudo em nível de

estilo de ação e, em certa medida, também em nível de reflexão teórica. Trata-se da orientação que leva Dom Bosco a *excluir categoricamente um sistema educativo baseado na repressão e no castigo*, para escolher com convicção um método que se baseia todo na caridade e que Dom Bosco chamará de “sistema preventivo”. Além das diversas implicações pedagógicas que derivam dessa escolha, para as quais remetemos à rica bibliografia específica, interessa aqui destacar a dimensão teológico-espiritual que subjaz a essa orientação, da qual as palavras do sonho constituem, de algum modo, a intuição e o gatilho.

Ao se colocar do lado do bem e da “lei”, o educador pode ser tentado a definir sua ação com os meninos de acordo com uma lógica que visa a reinar a ordem e a disciplina essencialmente por meio de regras e normas. No entanto, até mesmo a lei traz em si uma ambiguidade que a torna insuficiente para guiar a liberdade, não só por causa dos limites que toda regra humana traz em si, mas por causa de um limite que é, em última análise, de ordem teológica. Toda a reflexão paulina é uma grande meditação sobre esse tema, pois Paulo havia percebido em sua experiência pessoal que a lei não o havia impedido de ser “blasfemo, perseguidor e violento” (1Tm 1,13). A própria Lei dada por Deus, ensina a Escritura, não é suficiente para salvar o homem, a menos que haja outro Princípio pessoal que a integre e internalize no coração humano. Paul Beauchamp resume com alegria essa dinâmica quando afirma: “A Lei é precedida por um *És amado* e seguida por um *Amarás*. *És amado*: fundamento da Lei, e *Amarás*: sua superação”.^[vi] Sem esse fundamento e sem essa superação, a lei traz em si os sinais de uma violência que revela sua inadequação para gerar o bem que, no entanto, ela ordena que se cumpra. Voltando à cena do sonho, os socos e pancadas que João dá em nome do mandamento sacrossanto de Deus, que proíbe a blasfêmia, revelam a *insuficiência e a ambiguidade de qualquer impulso moralizador que não seja interiormente reformado do alto*.

Portanto, também é necessário que João e aqueles que aprenderão com ele a espiritualidade preventiva se convertam a uma *lógica educacional sem precedentes, que vai além do regime da lei*. Esta lógica só é possível graças ao Espírito do Ressuscitado, derramado em nossos corações. Somente o Espírito, de fato, torna possível passar de uma justiça formal e exterior (seja a clássica da “disciplina” e da “boa conduta”, seja a moderna dos “procedimentos” e dos “objetivos alcançados”) a uma verdadeira santidade interior, que realiza o bem porque é atraída e conquistada interiormente. Dom Bosco demonstrou ter essa consciência quando, no seu escrito sobre o *Sistema Preventivo*, declarou claramente que tudo se baseava nas palavras de São Paulo: *“Charitas benigna est, patiens est; omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet” [a caridade é benigna, é paciente; tudo sofre, tudo espera, tudo suporta]*.

É claro que “ganhar” os jovens dessa forma é uma tarefa muito exigente. Implica não ceder à frieza de uma educação baseada apenas em regras, nem à leniência de uma proposta que renuncia a denunciar a “feiura do pecado” e a apresentar a “preciosidade da virtude”. Conquistar para o bem simplesmente mostrando o poder da verdade e do amor, testemunhado por meio da dedicação “até o último suspiro”, é a figura de um método educacional que é, ao mesmo tempo, uma verdadeira espiritualidade.

Não é de se admirar que João, no sonho, resista a entrar nesse movimento e peça para entender bem quem é que o transmite. Quando ele tiver entendido, porém, fazendo daquela mensagem primeiro uma instituição oratoriana e depois também uma família religiosa, ele pensará que contar o sonho em que aprendeu aquela lição será a maneira mais bela de compartilhar com os seus filhos o significado mais autêntico de sua experiência. Foi Deus quem guiou tudo, foi Ele mesmo quem imprimiu o movimento inicial do que viria a ser o carisma salesiano.

P. André Bozzolo, sdb, Reitor da Universidade Pontifícia

[\[i\]](#) A. LACOCQUE. La révélation des révélations: Exode 3,14, em P. RICOEUR – A. LACOCQUE. Penser la Bible. Seuil, Paris 1998, 305.

[\[ii\]](#) A. BERTULETTI. *Dio, il mistero dell'unico [Deus, o mistério do uno]*. Queriniana, Brescia 2014, 354.

[\[iii\]](#) *Const.* Art. 8.

[\[iv\]](#) *Const.* Art. 20.

[\[v\]](#) E. VIGANÒ. *Maria renova a Família Salesiana de Dom Bosco*, ACG 289 (1978) 1-23, 15.

[\[vi\]](#) P. BEAUCHAMP. *La legge di Dio [A lei de Deus]*. Piemme, Casale Monferrato 2000, 116.